

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

Franciele Wainstein

A ESTANTE COM LIVROS DE HISTÓRIA

Explorando a biblioteca da escola Stella Maris (Alvorada - RS, 2022)

Porto alegre

2022

Franciele Wainstein

A ESTANTE COM LIVROS DE HISTÓRIA

Explorando a biblioteca da escola Stella Maris (Alvorada - RS, 2022)

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Caroline Pacievitch

Porto alegre

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe Simone Wainstein, que me deu todo o apoio necessário para que fosse possível seguir em frente com este trabalho e a meu pai, Norberto Wainstein, que mesmo não estando mais aqui, me guia em todos os meus passos. A meu irmão Isaías Wainstein, que em diversos momentos me ajudou a entender sobre as leis. A minha professora Caroline Pacievitch, que aceitou me orientar neste trabalho e teve muita paciência com minhas dúvidas e erros. Agradeço a meus amigos: Mariana Fraga dos Santos, que desde o início me ajudou com seus conhecimentos; a Lisandra Roman, que esteve comigo durante todo o caminho até a entrega deste trabalho; e a Julio Cruz (Zy), que contribuiu com sua vasta experiência. Agradeço também ao meu namorado Adam Vaz, que mesmo depois de anos, segue ao meu lado, me apoiando e dando força.

Agradeço também a todos da escola Stella Maris, que além de terem abertos as portas para mim, me ajudaram a realizar esta pesquisa.

“Contos de fadas não são alucinógenos que semeiam sonhos, mas estimulantes que despertam a realidade! Por isso, leiam muitos contos de fadas e acordem”

Jo Yong

RESUMO

Mesmo com a Lei 12.244 de 2010, que diz que todas as escolas públicas ou privadas deveriam ter uma biblioteca escolar até o ano de 2020, no ano de 2018 mais da metade das escolas não possuíam uma biblioteca. Sem uma biblioteca, como os professores, neste caso em específico, de história, poderiam utilizar livros para dar uma aula? Ao explorar essa questão, o capítulo 1 deste trabalho, irá tratar um pouco sobre as leis relacionadas a biblioteca escolar e sua obrigatoriedade, enquanto o capítulo 2, será focado no ensino de história através de livros literários e apresentará duas dissertações em que professoras de história utilizam livros em suas aulas. Por fim, o capítulo 3 irá analisar a biblioteca de uma escola pública, localizada no município de Alvorada, realizando estudos em relação aos livros presentes na biblioteca, com o intuito de demonstrar que aulas de história podem ser desenvolvidas através da leitura de um livro ou conto.

Palavras chave: História; biblioteca; escola; livro.

Abstract

Even with Law 12,244 of 2010, which says that all public or private schools should have a school library by the year 2020, in 2018 more than half of the schools did not have a library. Without a library, how could teachers, in this particular case, of history use books to teach a lesson? Chapter 1 of this paper will deal a little about the laws related to the school library and its mandatory, while chapter 2 will focus on teaching history through literary books and will present two dissertations in which history teachers use books in their classes. Finally, chapter 3 will analyze the library of a public school, located in the municipality of Alvorada, conducting studies in relation to the books present in the library, in order to demonstrate that history classes can be developed by reading a book/tale.

Key words: Story; library; school; book

LISTA DE ILUSTRAÇÃO:

Figura 1 - Parte da Biblioteca Zélia Campos	33
Figura 2 - Geloteca da escola Stella Maris	35

LISTA DE TABELAS:

Tabela 1 - FUNDEB como órgão que rege o PNBE e o PNLD	20 e 21
Tabela 2 - Livros de acordo com a BNCC	41 a 48

Sumário

Introdução	11
A ESTANTE PERTO DA PORTA	13
A biblioteca escolar	13
Lei nº 12.244/2010	13
Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar	15
FNDE/Fundeb	17
PNLD e PNBE	18
A ESTANTE NO MEIO DA SALA	22
Ensinar história com livros literários	22
História e literatura	25
Utilização da literatura no ensino de história	28
Cardozo e o caminho de casa	29
Bernardes e o Menino Fula	30
E a biblioteca escolar?	31
A ESTANTE NO FUNDO DA SALA	33
A Biblioteca da Escola Estadual de Ensino Fundamental Stella Maris	33
A escola	33
Biblioteca Zélia Campos	35
Livros da biblioteca Zélia Campos	39
Considerações finais	50
Referências	52
Referência dos livros da tabela 2	57

Introdução

Quando se ensina história, uma das coisas que se pensa é: "como posso ensinar esse tema, de forma que os alunos se sintam parte do que está sendo trabalhado?". Existem diversas formas de se resolver essa questão, uma delas é a utilização de livros literários. Contudo, como fazer os alunos se interessarem por história e por um livro ao mesmo tempo? A resposta para essa pergunta é a primeira questão feita acima.

Um livro é um mundo mágico, nele podemos ir ao passado usando um barco, um cavalo, um balão. Podemos conhecer Reis e rainhas, viajar com Pedro Álvares Cabral e lutar com os indígenas na defesa de nossa terra. A leitura nos permite voar sem limites e nadar até os confins da terra. A leitura, mediada pelo professor de história, pode inserir os/as estudantes dentro do momento histórico estudado.

Por exemplo, com o livro "o diário de Anne Frank"(JACOBSON, 2017), o/a estudante vai conhecer os horrores da segunda guerra mundial e a vida de uma adolescente. Com o conto "a escrava" (LITERAFRO, 2022), será possível caminhar pelas atrocidades da escravidão no Brasil e sua abolição. Já com conto "olhos d'água"(EVARISTO, 2016), o/a estudante irá passear pelas memórias de uma mulher que não viveu a escravidão, mas vive em um Brasil desigual. Todo livro tem história, todo livro é história, todavia, onde um professor de História vai conseguir os livros para sua aula? É nesse momento que entra a biblioteca escolar.

De acordo com a lei nº 12.244/2010, toda escola, até o ano de 2020, deveria ter uma biblioteca escolar e um bibliotecário. Desde 1998, com o manifesto IFLA/UNESCO, as leis em relação à obrigatoriedade de uma biblioteca escolar em todas as escolas públicas e particulares, de ensino fundamental e médio, vêm sendo desenvolvidas e votadas dentro do governo. A lei mais divulgada é a citada acima feita em 2010, ela entraria em vigor no ano de 2020, porém, tal lei foi adiada algumas vezes, e a pandemia ajudou nesse processo.

Devido ao adiamento da lei, muitas escolas continuam sem uma biblioteca adequada e uma bibliotecária. Contudo, com os livros literários que cada escola tem (disponível) em suas "bibliotecas", é possível se aprender história? Até que ponto um professor de história consegue trabalhar um livro dentro de sala de aula? Como selecionar os livros a serem utilizados?

Entender como funciona a biblioteca escolar é extremamente fundamental para que se possa trabalhar com os livros nela disponíveis. Para que isso ocorra é necessário compreender como as leis relacionadas a este tipo de biblioteca funcionam, como os professores de história utilizam livros para auxiliar em suas aulas e como uma escola pública se relaciona com sua biblioteca.

Apesar de a lei, citada anteriormente, estar sendo adiada, os 10 (dez) anos que ela esperou para ser posta em vigor renderam alguns projetos. Muitos livros foram entregues nas escolas através do FUNDEB, que, utilizando o PNBE, pode distribuir diversos livros voltados para o aluno e para o professor. O primeiro capítulo deste trabalho apresentará, de forma mais detalhada, as questões relacionadas às leis e programas que envolvem a biblioteca escolar.

Contudo, nem todas as escolas possuem uma biblioteca ou um ambiente adequado para os livros e leitores. Devido a isso, muitos professores acabam por utilizar os seus próprios livros. As duas dissertações apresentadas no segundo capítulo deste trabalho são um exemplo da utilização de livros no ensino de história e de como uma biblioteca escolar faz a diferença.

O terceiro capítulo é uma pesquisa feita em um colégio de ensino fundamental de Alvorada. Nele, será apresentado um pouco sobre o colégio, sua estrutura e se possui biblioteca. Em seguida, serão analisados os livros presentes na biblioteca da escola que podem ser utilizados no ensino de história, levando em conta a quantidade de livros, a faixa etária e o período histórico ensinado para cada ano.

A escola de ensino fundamental em que ocorreu a pesquisa para este trabalho, se chama Stella Maris, conhecida pelas pessoas da região como "stelinha". É um colégio de tamanho médio, que vai do primeiro ao nono ano do fundamental. O colégio é o mais antigo do bairro, com cerca de 70 anos e passou por diversas reformas até ter a estrutura que possui atualmente. Sua biblioteca, a fonte principal desta pesquisa, infelizmente não segue o padrão adequado para uma biblioteca escolar, contudo é um bom ambiente para leitura e pesquisa.

A ESTANTE PERTO DA PORTA

A biblioteca escolar

Nem todas as escolas tem uma biblioteca, nem todos(as) os/as estudantes têm o costume de ler, nem todos os professores utilizam livros literários¹ para ensinar história. Talvez seja por falta de divulgação, mas a maior parte das pessoas não sabem que toda escola deve ter uma biblioteca e um bibliotecário². Todavia, a obrigatoriedade da biblioteca escolar é lei e apesar de estar caminhando em passos lentos e por vezes parando no meio do caminho, em alguns anos ela terá de ser cumprida ou é isso que se espera.

Lei nº 12.244/2010

A Lei referente a biblioteca escolar, criada em 24 de maio de 2010 diz que todas as instituições de ensino, sejam públicas ou privadas, deveriam obrigatoriamente ter uma biblioteca escolar até o ano de 2020 (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2010). As bibliotecas teriam de ter no mínimo um livro para cada estudante matriculado, sendo responsabilidade do sistema de ensino a ampliação do acervo, e divulgação de "orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares" (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2010). Contudo, a deputada Maryanna Oliveira explica que:

(...) a crise econômica vivida pelo País de maneira mais intensa até 2018 e a ocorrência da pandemia do novo coronavírus no presente ano criaram dificuldades de efetivo cumprimento da Lei no prazo inicialmente idealizado (SIQUEIRA, 2020).

Devido a isso, foi criado o projeto de Lei 4401/20 que adia o prazo da obrigatoriedade da biblioteca escolar para o ano de 2022. Outra mudança é a de um acervo com no mínimo 2.500 livros para cada escola (SIQUEIRA, 2020). Porém,

¹ A frase livros literários é utilizada pelo site do MEC para diferenciar esses livros dos livros didáticos, contudo, no meio acadêmico, esta frase é redundante. Entretanto, ela será utilizada algumas vezes no decorrer deste trabalho, em outros momentos será utilizada a frase livros de ficção.

² No decorrer deste trabalho, serão usadas tanto a palavra bibliotecário como bibliotecária.

outro projeto de lei, o 9.484 havia sido feito em 2018. Nele a ex-deputada Laura Carneiro propôs a criação do Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE) e prorrogou o prazo da universalização dessas bibliotecas para 2024, ano em que se encerrará o PNE (Plano Nacional de Educação) (BAÇÃ, 2020).

Contudo, ambos os projetos de Lei, de acordo com o site da Câmara dos Deputados, estão apensados a um projeto de Lei de 2013 (PL 6959/2013) que "Altera a Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003, para dispor sobre o conceito de biblioteca pública e o acesso a seu acervo e a seus equipamentos" (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2013). Tal Lei ainda está aguardando o parecer do Relator na Comissão de Educação (CE), sendo assim, a pergunta que fica é: quando a Lei 12.244 de 2010 será posta em vigor, tendo em vista que já se passaram dois anos do prazo final?

É necessário entender a importância da universalização da biblioteca escolar, pois a leitura é uma fonte de informação, de prazer e de deleite. Sejam livros educativos, ficcionais etc., todo livro fornece algum tipo de informação que podem ser: em relação ao ano que o livro foi escrito; ao ano que ele quer retratar; a história que ele conta ou não conta; o país em que foi escrito; quantas vezes foi reescrito etc. Ter acesso a leitura não deveria ser um luxo para poucos, mas sim uma obrigação do país para com todos. Todavia, sabe-se que a tarefa de universalizar a biblioteca escolar não é fácil.

Um levantamento feito pelo Inep em 2018 mostra que 55% das escolas do Brasil não possuem biblioteca escolar ou sala de leitura (HAJE, 2018). Isso significa que 45% das escolas têm biblioteca ou sala de leitura. Contudo, ter uma biblioteca é o suficiente?

A biblioteca precisa de uma estrutura adequada; um profissional que possa dedicar seu tempo a projetos e trabalhos; livros suficientes para cada estudante etc. Quantas bibliotecas escolares podemos dizer que possuem isso? Ou no mínimo, uma bibliotecária? Usemos como exemplo o Rio Grande do Sul, o último concurso público para bibliotecário foi na década de 1990 (SANDER, 2018), 30 anos atrás. Talvez, nos dias atuais, o estado não possua uma bibliotecária para cada biblioteca escolar. Isso faz com que aquelas escolas que representam os 45% que tem biblioteca, signifiquem apenas isso, o "ter" e não o "utilizar" e, isso acaba entrando em desacordo com o manifesto publicado em 1999 pela IFLA/UNESCO.

Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar³

Em 1999 foi feito e publicado um manifesto pela Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Bibliotecas (IFLA- International Federation of Library Associations and Institutions) juntamente com a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) (JÚNIOR , 2019). O manifesto possui quatro páginas, e trata, dentre outros assuntos, sobre a missão e o objetivo da biblioteca escolar. A missão da biblioteca escolar é:

promove serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios. As bibliotecas escolares ligam-se às mais extensas redes de bibliotecas e de informação, em observância aos princípios do Manifesto UNESCO para Biblioteca Pública. (...) O acesso às coleções e aos serviços deve orientar-se nos preceitos da Declaração Universal de Direitos e Liberdade do Homem, das Nações Unidas, e não deve estar sujeito a qualquer forma de censura ideológica, política, religiosa, ou a pressões comerciais (Manifesto IFLA/UNESCO, p.1).

Como dito anteriormente, a biblioteca escolar é um local de aprendizagem; de conhecimento; de descoberta etc., é mais um local, dentro da escola, em que o/a estudante se desenvolve criticamente. Sendo assim, não pode haver censura, contudo, em diversos momentos, houve tentativas de limitar o conhecimento que o/a estudante pode ter através da leitura.

A censura não se limita ao governo, ela pode ser feita também pela escola, pelo professor, pelos pais dos/das estudantes, pelo bibliotecário, por movimentos da sociedade etc. (LEITE; DALMAGRO; FINGER, 2017). Mas não se pode confundir a área de atuação de uma biblioteca com censura. A biblioteca escolar, obrigatoriamente, faz uma seleção dos livros que são adequados à faixa etária dos estudantes, todavia, essa escolha não pode se basear em opiniões pessoais (LEITE; DALMAGRO; FINGER, 2017)

De acordo com Leite, Dalmagro e Finger, o vereador de uma cidade do Paraná, que era também diretor de uma escola, retirou da biblioteca escolar o livro “Um contrato com Deus”, de Will Eisner e:

³ O manifesto original foi feito em inglês e traduzido para o português pela Dra. Neusa Dias de Macedo. Para mais informações acessar: <https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>

entrou com uma ação no Ministério Público para retirá-la de circulação. A história é sobre a vida do autor, que viveu em um cortiço durante a infância, contém atos de violência, pedofilia, sexo e nudez (LEITE; DALMAGRO; FINGER, 2017, p.20)

Um livro que fala sobre violência e pedofilia não deve fazer parte de uma biblioteca escolar? Entender sobre tais assuntos é importante para uma criança e um adolescente. Ler sobre isso, tendo como mediador a bibliotecária ou um professor, pode ajudar o estudante a entender melhor sobre abuso e violência (LEITE; DALMAGRO; FINGER, 2017).

Um professor de história, por exemplo, poderia usar partes do livro, que consiste em quatro contos, para falar sobre: os cortiços dos EUA; comparar cortiços dos EUA com os do Brasil; tratar sobre os anos de 1930 (ano em que se passa o livro), no Brasil e nos EUA; comparar o livro, que é escrito por um americano, com o livro “O cortiço”, escrito por um brasileiro; falar de assuntos relacionados a marginalização de parte da sociedade da época etc.

Outro exemplo de censura é o de “Maus - A História de Um Sobrevivente”, o livro foi proibido em uma escola do Tennessee, nos EUA. “O conselho das escolas da região justificou a decisão dizendo que o livro tinha palavrões e uma ilustração de nudez” (ESCOLAS DE CONDADO, 2022), alegaram que o livro era inapropriado para estudantes do oitavo ano, que têm entre 13 e 14 anos. O autor do livro disse estar perplexo com tal proibição, pois vários jovens aprenderam com sua história. Essa proibição ocorreu em janeiro de 2022.

Como um livro, ou nesse caso, uma história em quadrinho, que é uma obra de arte que tem grande potencial para que adolescentes possam entender o que foi o Holocausto, e seus impactos na vida das pessoas que sobreviveram, pode ser proibido? Percebe-se que a falta de entendimento do que é a utilização de um livro em sala de aula não é uma característica apenas do Brasil.

Em relação aos objetivos do Manifesto, eles não diferem muito da missão, nele é reforçada a importância da biblioteca escolar para a vida do estudante. Alguns dos objetivos são:

desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, bem como o uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida; (...) prover acesso em nível local, regional, nacional e global aos recursos

existentes e às oportunidades que expõem os aprendizes a diversas idéias, experiências e opiniões; (...) proclamar o conceito de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são pontos fundamentais à formação de cidadania responsável e ao exercício da democracia (Manifesto IFLA/UNESCO, 2000, p.2-3).

Mesmo que um grande número de escolas públicas não tenha um bibliotecário, é possível colocar tais objetivos em prática. Algumas escolas têm um professor que fica responsável pela biblioteca, se todos os meses, um professor diferente, tivesse a oportunidade de fazer atividades utilizando a biblioteca, isso ajudaria os/as estudantes a conhecerem mais esse espaço. Certamente a tarefa não seria fácil, pois são muitos estudantes, poucos professores, muito trabalho e em alguns casos, poucos livros. Tudo dependeria das circunstâncias da escola e dos estudantes.

O professor de História, por exemplo, pode utilizar diferentes contos e livros para ensinar história. Através da utilização desse material, é possível tratar: da época em que ele foi escrito; quais eram os problemas e prioridades daquele momento; idade e gênero; pertencimento étnico-racial; nacionalidade; como a escrita se desenvolveu; se existem releituras de tais obras etc. Abordarei este assunto adiante, com apoio da bibliografia pertinente, pois ainda existem programas relacionados a biblioteca escolar que devem ser tratados, como o FNDE/Fundeb.

FNDE/Fundeb

O FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) foi criado em 21 de novembro de 1968 e “é responsável pela execução de políticas educacionais do Ministério da Educação” (INFRAESTRUTURA, 2018). De acordo com o site do Ministério da Educação, o FNDE tem por objetivo “garantir uma educação de qualidade a todos” (HISTÓRIA, 2017). Ele é o órgão responsável pela transferência de recursos financeiros aos estados e municípios, sendo essa transferência dividida em “constitucionais, automáticos e voluntários (convênios)” (HISTÓRIA, 2017).

O Fundeb é o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, e de acordo com site do MEC, ele foi criado em 2006 e se tornou Lei em 2007. Este fundo foi criado em substituição ao

Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef), que ficou em vigor de 1998 até 2006 (FUNDEB, 2018).

O site do MEC explica que este é um fundo especial que tem como recurso financeiro “impostos e transferências dos estados, do Distrito Federal e dos municípios” (FUNDEB, 2018), explica também que:

Além desses recursos, ainda compõe o Fundeb, a título de complementação, uma parcela de recursos federais, sempre que, no âmbito de cada estado, seu valor por aluno não alcançar o mínimo definido nacionalmente. Independentemente da origem, todo o recurso gerado é redistribuído para aplicação exclusiva na educação básica (FUNDEB, 2018).

O período de vigência do Fundeb foi até o ano de 2020, quando foi feita a Lei nº 14.113. Segundo o site in.gov.br, que disponibiliza todas as leis do Diário Oficial da União (e fala sobre a LEI Nº 14.113, DE 25 DE DEZEMBRO DE 2020), a Lei de 2020 revoga dispositivos da Lei de 2007 e cria outras providências⁴. De acordo com o site do FNDE, “A contribuição da União neste novo Fundeb sofrerá um aumento gradativo, até atingir o percentual de 23% (vinte e três por cento) dos recursos que formarão o Fundo em 2026” (FUNDEB, 2020). Sendo assim, temos aproximadamente 5 anos para que o “novo Fundeb” atinja o percentual que estimaram na nova lei.

PNLD e PNBE

Entender o que é, e como funcionam os fundos citados acima, é importante para que se possa entender o funcionamento dos programas que serão tratados. Um deles é o programa nacional do livro didático (PNLD), que é executado pelo FNDE, esse programa não repassa “recursos para as aquisições de livros didáticos, acervos de obras literárias, obras complementares e dicionários” (PROGRAMAS, [entre 2017 e 2020]), seu objetivo é:

destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil

⁴ Para mais informações acessar:

<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.113-de-25-de-dezembro-de-2020-296390151>

comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público (PNLD, 2020).

Para que as escolas recebam os livros didáticos, elas precisam participar do Censo Escolar do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira)⁵ e ter aderido formalmente ao programa. Isso se deve ao fato de a distribuição de livros ser feita de acordo com o “censo escolar referente aos dois anos anteriores ao ano do programa” (PNLD, 2020). Ao fazer parte do programa, as escolas devem escolher os materiais que são “inscritos no PNLD e aprovados em avaliações pedagógicas coordenadas pelo Ministério da Educação⁶” (PNLD, 2020).

Outro programa relacionado a biblioteca escolar é o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), esse programa possui alguns derivados, como: o PNBE do Professor; o PNBE Periódicos; o PNBE literário; o PNBE temático e o PNBE especial (PROGRAMA, 2018). O PNBE foi desenvolvido em 1997 e seu objetivo é:

promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. O atendimento é feito de forma alternada: ou são contempladas as escolas de educação infantil, de ensino fundamental (anos iniciais) e de educação de jovens e adultos, ou são atendidas as escolas de ensino fundamental (anos finais) e de ensino médio. Hoje, o programa atende de forma universal e gratuita todas as escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar (PROGRAMA, 2018).

Assim como no PNLD, as escolas que têm interesse em receber livros do PNBE precisam estar cadastradas no Inep. Para que uma editora possa fazer parte do programa e disponibilizar seus livros para as escolas, elas devem inscrevê-los em editais do programa, dessa forma eles serão avaliados pedagogicamente e caso sejam aceitos, podem ser distribuídos às escolas. São as editoras que fazem a distribuição dos livros, enquanto a entrega é feita pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT) (PROGRAMA, 2018).

Em relação aos derivados do programa, o site do MEC diz que:

⁵ De acordo com o site do FNDE, “toda escola pública da educação básica necessariamente precisa estar cadastrada no Censo Escolar, e ter seu funcionamento autorizado pelo MEC” (FNDE, Programas do Livro).

⁶ Para mais informações acessar: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>

O programa divide-se em três ações: PNBE Literário, que avalia e distribui as obras literárias, cujos acervos literários são compostos por textos em prosa (novelas, contos, crônica, memórias, biografias e teatro), em verso (poemas, cantigas, parlendas, adivinhas), livros de imagens e livros de história em quadrinhos; o PNBE Periódicos, que avalia e distribui periódicos de conteúdo didático e metodológico para as escolas da educação infantil, ensino fundamental e médio e o PNBE do Professor, que tem por objetivo apoiar a prática pedagógica dos professores da educação básica e também da Educação de Jovens e Adultos por meio da avaliação e distribuição de obras de cunho teórico e metodológico (PROGRAMA, 2018).

Existe também o PNBE temático, que trabalha com “obras de referência que ampliem a compreensão de professores e estudantes sobre as temáticas da diversidade, inclusão e cidadania e atendam ao desafio de promover o desenvolvimento de valores, práticas e interações sociais” (PROGRAMA, 2013). Essa variante do PNBE trabalha com obras que são contra o preconceito, a exclusão e a discriminação. Sua primeira edição foi no ano de 2013. O site do MEC explica que:

Foram estabelecidos nove temas que contemplam as especificidades de populações que compõem a sociedade brasileira: indígena; quilombola; campo; educação de jovens e adultos; direitos humanos; sustentabilidade socioambiental; educação especial; relações étnico-raciais e juventude (PROGRAMA, 2018).

Outra variante do PNBE é o PNBE Especial. Ele trabalha com obras voltadas para questões relacionadas a necessidades educativas especiais (BRANDÃO, RODRIGUES, 2017, p.117) e acessíveis para alunos com deficiência. De acordo com Brandão e Rodrigues, a primeira edição foi no ano de 2010 e, de acordo com o site do Ministério da Educação PNBE - Acervo do Professor, não houveram outras edições.

Já o PNBE do professor e o PNBE periódico tiveram algumas edições a mais. O do professor teve sua primeira edição em 2010 e a segunda em 2013. O periódico teve cinco edições, sendo respectivamente 2010, 2011, 2012, 2013 e 2014 (Brandão, Rodrigues, 2017, p.117).

É possível perceber que existiram programas do MEC que auxiliavam as escolas em relação ao acervo da biblioteca, contudo, um deles estagnou. O último ano de entrega de livros literários para escolas públicas através do PNBE foi 2014, após isso, as escolas ficaram quatro anos sem edital para escolha de livros literários.

Em julho de 2017 foi feito o Decreto N° 9.099⁷, que unificou o PNBE e o PNLD - que passou a se chamar Programa Nacional do Livro e do Material Didático. De acordo com o site do MEC, o programa passou a incluir mais materiais voltados para a educação, como: “obras pedagógicas, softwares e jogos educacionais, materiais de reforço e correção de fluxo, materiais de formação e materiais destinados à gestão escolar, entre outros” (PNLD, 2020). Os livros literários distribuídos a partir desse momento, passaram a fazer parte do PNLD Literário.

De acordo com o jornal GZH, em 2018 foi aberto, através do FNDE, um edital para aquisição de livros literários através do PNLD Literário. Contudo, os contratos com as editoras dos livros selecionados pelas escolas, deveriam ser assinados até dezembro do ano de publicação do edital, mas em fevereiro de 2019 as aulas já haviam iniciado e parte das editoras ainda não havia recebido a documentação necessária para iniciar a impressão dos livros (MEC AINDA NÃO COMPROU...,2019).

Não foi possível encontrar informações para saber se as editoras receberam a documentação assinada e se os livros que faltavam chegaram até as escolas. Contudo, o site do FNDE disponibiliza todas as decisões que foram tomadas pelo órgão desde o ano de 1997, assim como os dados estatísticos da quantidade de escolas, estudantes e professores beneficiados pelo programa.

Após entender um pouco o que rege a biblioteca escolar, em relação a Leis, obrigações e aplicações, é interessante ver como um professor de história consegue inserir em sua aula a utilização dos mais diferentes tipos de livros. O próximo capítulo apresentará alguns exemplos dessa utilização.

Quadro 1: FUNDEB como órgão que rege o PNBE e o PNLD.

Novo FUNDEB
“O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb) é um Fundo especial, de natureza contábil e de âmbito estadual (...) O Fundeb foi instituído como instrumento permanente de financiamento da educação pública por meio da Emenda Constitucional n° 108, de 27 de agosto de 2020, e encontra-se regulamentado pela Lei n° 14.113, de 25 de dezembro de 2020” (FUNDEB, 2020)

⁷ O Decreto N° 9.099, DE 18 DE JULHO DE 2017 está disponível no site do planalto, que pode ser acessado em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/D9099.htm

PNBE	PNLD
<p>“O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), desenvolvido desde 1997, tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência” (PROGRAMA, 2018). Contudo, o programa foi unificado ao PNLD em um decreto feito em 2017.</p>	<p>“O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público. (...) O Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, unificou as ações de aquisição e distribuição de livros didáticos e literários, anteriormente contempladas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)” (PNLD, 2020)</p>

Fonte: elaborada pela autora, com base nos sites oficiais do FUNDEB; PNBE e PNLD”

A ESTANTE NO MEIO DA SALA

Ensinar história com livros literários

Aprender história não precisa ser uma tarefa cansativa para os alunos, o ensino de história pode ser feito das mais diversas formas. Através da utilização de livros de ficção, que estejam disponíveis na biblioteca da escola ou digitalmente, é possível trabalhar com os alunos diferentes maneiras de ensinar história. Podem ser utilizados livros paradidáticos, que normalmente são especializados em um

determinado assunto e/ou possuem um aprofundamento maior nestes assuntos (THADEU, 2019); livros de contos, que são mais concisos; livros de contos de fadas, as versões reescritas de forma infantil ou as versões originais, que retratam épocas e culturas diversas.

De acordo com Zamboni e Fonseca (2010), utilizar a literatura nas aulas de história forneceria:

pistas, referências sobre o modo de ser, viver e agir das pessoas, os valores, os costumes, histórias de uma determinada época, de determinados grupos. Estas obras são fontes, evidências que nos auxiliam a desvendar e compreender a realidade, as mudanças menos perceptíveis, detalhes sobre lugares, ambientes, paisagens, culturas, modos de vestir-se, enfim, detalhes de uma época (ZAMBONI; FONSECA, 2010, p.351)

É possível utilizar como exemplo, os diferentes contos da chapeuzinho vermelho, que inclusive, possuem versões feitas por brasileiros. Algumas delas são: “Chapeuzinho Amarelo” escrito por Chico Buarque, “Chapeuzinho Vermelho e outros contos por imagem” ilustrada por Rui Oliveira, etc. Ambas as histórias são adaptações ou reescrituras do conto original feito por Charles Perrault⁸ (BUNN, 2008), o conto é mais macabro e não tem o típico final feliz que se vê nos contos infantis⁹. Contudo, utilizar um conto escrito no século XVII e comparar as modificações temporais e culturais que aconteceram em suas reescrituras, auxiliaria no ensino de história.

De acordo com Bunn (2008), algumas correntes históricas acreditam que as fábulas nasceram “no século XVIII a.C. na Suméria” (BUNN, p. 50). Estudos indicam também, que Cinderela¹⁰ (que também foi escrita por Charles Perrault), possui mais de 400 versões, incluindo uma na China antes de Cristo (CANTON, 2005). Esses contos e fábulas, antes de serem escritos, eram contados e disseminados oralmente. Para Bunn:

Essas histórias orais dizem respeito a versões do passado, dizem respeito à memória de quem as narra. São a partir dessas memórias que os escritores fazem suas releituras e escrevem e renovam as histórias por meio de paródias, metáforas, inversão de comportamentos. O que nos fascina é o

⁸ Charles Perrault nasceu em Paris, se formou em advocacia e foi membro da Academia Francesa de Letras (CANTON, 2005)

⁹ Tendo em vista que no século XVII ainda não se tinha a separação da criança para o adulto da mesma forma que hoje, nas sociedades ocidentais. Sendo assim, o que nos dias atuais se caracteriza como um conto para adultos, na época da escrita, era lido também para crianças (CANTON, 2005)

¹⁰ Cinderela foi escrita por Perrault, porém já era uma história contada de forma oral, há muitos anos. De acordo com Canton (2005), alguns contos foram adaptações feitas das histórias orais contadas pelos empregados dos nobres.

compromisso com o clássico e ao mesmo tempo a vinculação com o momento presente (...) (BUNN, p.52)

Todos temos memória, todos possuem objetos, frases, filmes, livros etc., que nos ajudam a lembrar. A memória faz parte da história, sem memória não haveria história. Os livros são fonte de memória, sejam dos autores ou dos leitores. Para Zamboni e Fonseca, o diálogo que se dá na relação de literatura, história e memória, ajuda na ampliação do significado:

das palavras, ressignificar conceitos, valores, estimular a nossa imaginação para outras realidades, espaços e temporalidades, construir outras percepções do cotidiano, da história local. Enfim, para a (re)construção de identidades (ZAMBONI; FONSECA, 2010, p.341).

A literatura de cordel se encaixa nessa questão da construção de outras percepções e realidades, podendo também ser utilizada no ensino de história. Por ser uma literatura característica da região nordeste do país, a sua utilização é interessante para que o aluno (de regiões que não tem o costume de produzir cordéis) tenha um contato maior com uma cultura literária diferente. De acordo com Nascimento (2013), o cordel é um tipo de documento que diz muito “sobre a sociedade, seja sobre a sua forma de pensar ou sobre os elementos do seu cotidiano” (NASCIMENTO, 2013, p.3).

Esse tipo de literatura trata normalmente sobre lendas, folclore, tradições, costumes etc., é “um meio de expressão popular” (NASCIMENTO, 2013, p.5). O cordel pode ser trabalhado tanto na questão literária, quanto em relação a artes visuais, já que normalmente, utiliza na capa, desenhos característicos, que representam o que vai ser tratado no texto. Para Nascimento:

Inúmeros são os eventos do século XX que são contidos nesses folhetos, contando sobre o dia-a-dia da sociedade, narrando histórias que, na maioria das vezes, não são trazidas nos livros didáticos ou aos quais são dadas representações diferentes do que realmente aconteceu. Estes folhetos, além de relatarem fatos sociais, políticos e econômicos, como inundações, secas, casamentos, vitórias eleitorais, adoção de novas leis, vida e morte de políticos, servem também para suprir a escassa circulação de jornais no sertão. Ao mesmo tempo em que representam uma forma de literatura, informam sobre os acontecimentos da época. Neste sentido, o folheto de cordel se transforma numa rica fonte de pesquisa para a História (NASCIMENTO, 2013, p.3)

Entende-se, então, que a literatura de cordel; estrangeira e brasileira, pode sim ser utilizada no ensino de história. A sua utilização ajudaria os alunos a terem

um contato maior com uma fonte e, conseqüentemente, os influenciariam a ler. Para Pesavento:

A literatura é, pois, uma fonte para o historiador, mas privilegiada, porque lhe dará acesso especial ao imaginário, permitindo-lhe enxergar traços e pistas que outras fontes não lhe dariam. Fonte especialíssima, porque lhe dá a ver, de forma por vezes cifrada, as imagens sensíveis do mundo. A literatura é narrativa que, de modo ancestral, pelo mito, pela poesia ou pela prosa romanesca fala do mundo de forma indireta, metafórica e alegórica. Por vezes, a coerência de sentido que o texto literário apresenta é o suporte necessário para que o olhar do historiador se oriente para outras tantas fontes e nelas consiga enxergar aquilo que ainda não viu (PESAVENTO, 2006, p. 7)

Para Sutil, “utilizar romances, poemas, crônicas ou contos pode contribuir inclusive para trabalhos interdisciplinares” (SUTIL, 2015, p. 42541). Tais trabalhos não precisam ser apenas com o professor de português ou o Bibliotecário, podem ser feitos também com: geografia; biologia; matemática etc., obviamente, isso dependeria do livro/conto que seria utilizado.

No caso da história, todo e qualquer livro literário pode ser utilizado, desde que tenha relação com a faixa etária e com a temática estudada no ano de ensino. É preciso levar em conta também, a disponibilidade dos livros na biblioteca escolar, pois se forem poucos exemplares, será necessário um rodízio, para que todos os/as estudantes possam ler. Todavia, tal estratégia pode não funcionar com todas as turmas.

Uma opção seriam os livros digitais, mas novamente, nem todos os/as estudantes têm acesso a internet e/ou computadores, assim como nem todas as escolas possuem os aparelhos para disponibilizar. O mais simples seria utilizar livros e contos de fácil acesso, porém, isso limita não só o professor, mas o/a estudante também.

Devido ao fato de estarem “adiando” a Lei nº 12.244/2010, muitas escolas, professores e estudantes continuam sem o mínimo necessário. Não estamos mais no século XX, não precisamos da criação de uma revista para termos a noção da importância de uma biblioteca escolar, não podemos esperar cem anos para que algo mude.

História e literatura

A literatura como uma fonte para a história é utilizada a pouco mais de cem anos (GRECCO, 2014). De acordo com Grecco (2014), a história se tornou disciplina acadêmica em meados do século XIX e aqueles que a estudavam, acreditavam que sua fonte documental tinha de ser oficial, sendo assim, os livros de ficção, não entravam nessa categoria. “Atribuía-se, assim, à disciplina da história como ciência, e a literatura como ficção” (GRECCO, 2014, p.40).

Foi em 1920, com a fundação da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*¹¹, que a história passou a aceitar, como fonte, diversas áreas, incluindo a literatura (GRECCO, 2014). Os *Annales* iam em contraponto a História Metódica e foram os antecessores da História Cultural (SUTIL, 2015). Pesavento acredita que:

Para a História Cultural, a relação entre a História e a Literatura se resolve no plano epistemológico, mediante aproximações e distanciamentos, entendendo-as como diferentes formas de dizer ao mundo, que guardam distintas aproximações com o real. (PESAVENTO, 2003, p.80)

Com isso, se torna importante “destacar a literatura como testemunho ou documento histórico, no sentido de valorizar a riqueza do texto ficcional como fonte que, de forma indireta, fala do mundo, através de uma linguagem metafórica e alegórica” (GRECCO, 2014, p.46).

Para Pesavento (2006), a literatura é uma representação do seu tempo, “das razões e sensibilidades dos homens em um certo momento da história” (PESAVENTO, 2006, p.7). Um exemplo disso são as diversas reescrituras de *Chapeuzinho Vermelho* (que foi citado acima). Cada uma delas representa o momento histórico de quem as escreveu, as razões e motivações que levaram cada autor, e por dentro do conto, aquilo que os representa.

A literatura nos apresenta, por vezes, o cotidiano e é através dele que é possível obter, de certa forma, “o estilo de uma época” (GRECCO, p.46). Pesavento explica que:

A verdade da ficção literária não está, pois, em revelar a existência real de personagens e fatos narrados, mas em possibilitar a leitura das questões em jogo numa temporalidade dada. Ou seja, houve uma troca substantiva, pois para o historiador que se volta para a literatura o que conta na leitura do texto não é o seu valor de documento, testemunho de verdade ou autenticidade do fato, mas o seu valor de problema. O texto literário revela e insinua as

¹¹ Anais de história econômica e social

verdades da representação ou do simbólico através de fatos criados pela ficção.

Mais do que isso, o texto literário é expressão ou sintoma de formas de pensar e agir. Tais fatos narrados não se apresentam como dados acontecidos, mas como possibilidades, como posturas de comportamento e sensibilidade, dotadas de credibilidade e significância (...) o que queremos afirmar é que mesmo a literatura que reinstala o tempo de um passado remoto ou aquela que projeta, ficcionalmente, a narrativa para o futuro são, também, testemunhos do seu tempo. (PESAVENTO, 2006, p.7).

Entende-se, assim, que todo texto literário é uma fonte e uma forma de estudar história. Alguns livros e/ou autores podem ser estudados de acordo com: a recepção que seus livros tiveram; como foram publicados; como foram vendidos etc. Pesavento (2006) diz que:

O historiador não cria personagens nem fatos. No máximo, os "descobre", fazendo-os sair da sua invisibilidade. A título de exemplo, temos o caso do negro, recuperado como ator e agente da história desde algumas décadas, embora sempre tenha estado presente. Apenas não era visto ou considerado, tal como as mulheres ou outras tantas ditas "minorias" (PESAVENTO, 2006 p.4).

Tomemos como exemplo os livros de Andradina de Oliveira e de Maria Firmina dos Reis. Andradina América Andrade de Oliveira nasceu em 1870 em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Andradina teve uma boa educação, foi professora, jornalista, escritora, em 1898 fundou um jornal chamado "Escrínio" e foi líder feminista (MUZART, 2004).

Suas obras não foram reconhecidas em sua época, pois mulheres escritoras não eram bem vistas, contudo, ela publicava o que escrevia em seu jornal e, alguns de seus livros foram encontrados após sua morte (MUZART, 2004). Algumas de suas obras retratam o Rio Grande do Sul de sua época, em outras, o preconceito e machismo e, em uma coletânea de contos infantis, ela trata sobre questões relacionadas à criança.

Já Maria Firmina dos Reis nasceu em 1825 na Ilha de São Luís. "Mulata, bastarda" (MUZART, 1999, p.264), viveu na casa da tia, estudou e se tornou professora, foi também musicista e escritora. Fundou em 1880 a primeira escola mista, que não foi bem vista pela sociedade e fechou dois anos depois.

Ela é considerada a primeira escritora do Brasil. Se para uma mulher era difícil ser escritora, para uma mulher negra era ainda mais complicado, contudo, Maria Firmina se impôs e escreveu obras que hoje são um marco, mas que foram ignoradas em sua época (MUZART, 1999). O romance Úrsula é um exemplo, ele foi escrito em 1859 e tem temas sobre: a escravidão; a vida do escravo e a África livre,

porém ele só foi descoberto em 1962¹² (MUZART, 1999). O conto “A escrava” também é muito conhecido e trata de forma mais direta a questão da escravidão (MUZART, 1999).

Ambas as autoras produziram contos como: Contos infantis e A escrava. Por serem contos, são curtos e podem ser utilizados em sala de aula, no que diz respeito ao século XIX. Como acredita Pesavento (2006): o estudo das autoras; de seus contos; de seus personagens etc., é uma forma de mostrar para os alunos aquilo/aqueles que antes eram invisíveis aos olhos da sociedade.

A leitura de um livro pode ajudar a manter os alunos focados nas aulas. Para Cardozo (2021):

a Literatura pode ser rica no ensino de História, porque pode emocionar os estudantes ao trabalhar mais próxima das sensibilidades – o que muitas vezes é minimizado em narrativas históricas que se concentram unicamente em datas e fatos, afastando-se da dimensão sensível do passado. Além disso, tanto a Literatura quanto a História são narrativas (CARDOZO,2021, p.25)

Os livros e contos podem aproximar os/as estudantes do momento histórico que está sendo trabalhado, podem apresentar novas perspectivas do passado e uma compreensão do momento presente. Cardozo (2021) fala sobre as emoções que a literatura pode vir a causar nos estudantes, contudo se tais emoções não forem mediadas e trabalhadas pelo professor, podem ser esquecidas e/ou transformadas em sentimentos desagradáveis.

As dissertações que serão analisadas a seguir, foram feitas por Cardozo e Bernardes. Ambas exemplificam um pouco sobre essa questão das emoções dos/das estudantes. A de Cardozo de forma mais direta, pois foi aplicada em sala de aula.

Utilização da literatura no ensino de história

Serão utilizadas duas dissertações, feitas por professoras de história. Ambas utilizaram livros literários para ensinar sobre um determinado período histórico e souberam trabalhar com os alunos a questão do real e do imaginário, que andam lado a lado. São elas: Mariana Jucá de Mello Cardozo e Anelice Bernardes.

¹² Para mais informações, ler o texto de Muzart: Escritoras brasileiras do século XIX de 1999.

Cardozo e o caminho de casa

Mariana Jucá de Mello Cardozo escreveu a dissertação “O caminho de casa: Ensinar história com a literatura e educar-se nas relações étnico-raciais” para a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A sua pesquisa surgiu após ela participar como voluntária do “projeto de extensão Diversidade Étnica e formação para a democracia no Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais AYA da Universidade do Estado de Santa Catarina” (CARDOSO, 2021 p.11). Ela explica que “foi feita a releitura do romance O Caminho de Casa, de Yaa Gyasi. Na obra, a escritora construiu biografias norte-americanas, e no projeto de extensão o grupo buscou trabalhar a criação de personagens do contexto histórico brasileiro” (CARDOSO, 2021 p.11). Em sua dissertação, a autora fala sobre sua experiência de ensinar relações étnico-raciais utilizando o livro de Yaa Gyasi¹³.

Cardozo explica que dividiu sua turma em duplas, cada dupla leu dois capítulos do livro de Yaa Gyasi e depois apresentou para o resto da turma. Ela escreve também sobre as atividades que conseguiu construir a partir da leitura do livro. Tendo em conta que parte das atividades foram realizadas em casa, pois estavam sendo feitas em 2020, o primeiro ano em que ocorreu a pandemia de Covid-19.

Cardozo produziu seis atividades:

a primeira teve como objetivo identificar os saberes prévios dos estudantes acerca da História e pensar sobre a importância das relações étnico-raciais que atravessam toda a nossa história. Essa experiência originou um vídeo e um podcast; a segunda foi a apresentação e a contextualização da obra O Caminho de Casa, e da autora Yaa Gyasi; a partir da terceira etapa foi planejada a atuação dos estudantes para trabalhar primeiramente suas leituras; a quarta foi o momento de construção de um site colaborativo; a quinta foi introduzir os estudantes na linguagem da animação, a partir de exercícios; e a sexta e última etapa foram as cartas dos estudantes sobre a animação Ponhamo-nos a Caminho (CARDOSO, 2021 p.49)

No decorrer da dissertação, Cardozo apresenta algumas falas de estudantes. ela explicita que alguns alunos se empenharam desde o início e outros não mostraram interesse. Contudo, quando ela expõe as situações do livro, de forma mais atual e realista, a maior parte dos alunos consegue entender o que está narrado no livro. Uma das falas, feita por uma aluna, é extremamente interessante e

¹³ Para mais informações sobre Yaa Gyasi, ler a dissertação de Mariana Jucá de Mello Cardozo.

gratificante para um professor, pois mostra que de alguma forma, seu objetivo de aula foi alcançado, mesmo que minimamente. A estudante, chamada Alice, diz que:

“[...] esse livro me deu forças que eu nem sabia que existia dentro de mim, nasceu aquela Alice que olha pra cara do racismo e diz assim: EU SOU UMA MENINA DA PELE PRETA e tenho muito orgulho da minha história (CARDOZO, 2021, p.75 – grifos no original).

[...] depois que eu li O Caminho de Casa e vi novamente como é a realidade de muitos negros ainda no mundo, me fez ver o quão privilegiada eu sou...” (CARDOZO, 2021, p.75).

A leitura do livro possibilitou não apenas o entendimento do período histórico, mas a compreensão do racismo que existe no Brasil. Além da mobilização de sensibilidades, identidades e afetos, bem como o estímulo à leitura e o conhecimento de obras contemporâneas, escritas por pessoas de origem africana, algo importante conforme as diretrizes para EREER (Educação das Relações Étnico-raciais). Para Cardozo, “a leitura de uma obra literária e o exercício de análise dos personagens podem contribuir para a elaboração de narrativas históricas quando se problematizam espaços e sujeitos no seu contexto histórico” (CARDOZO, 2021, p.25-26), assim como ajudam no pensar o “eu”.

A aluna de nome Rafaela, ao ser indagada sobre o que é história, disse que: “Se você não conhece as suas culturas, as suas raízes, o que você conhece da vida? Então, para mim, a História é tudo que existe e tudo que vai existir” (CARDOZO, 2021, p.53). Ela entende que o conhecimento do passado é importante para o futuro. Talvez a pandemia de Covid-19 tenha atrapalhado um pouco os planos da professora Cardozo, contudo, é possível perceber que ela conseguiu ensinar história e relações étnico-raciais, utilizando literatura.

Bernardes e o Menino Fula

Anelice Bernardes escreveu a dissertação “Educação das relações étnico-raciais, ensino de história da África e literatura africana: O Amkoullel, o Menino Fula, de Amadou Hampâté Bâ¹⁴, nos anos finais do ensino fundamental” para a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bernardes trabalha

¹⁴ Para mais informações sobre Amadou Hampâté, ler a dissertação de Anelice Bernardes.

com o livro “Amkoullel, o Menino Fula”, de Amadou Hampâté Bâ. Seu objetivo é tratar a história da África através da literatura africana, e apresentar o imperialismo e colonialismo pelo olhar africano.

O livro utilizado por Bernardes é “um relato autobiográfico da infância e juventude de seu autor” (BERNARDES, 2019, p.15). Por ser um livro muito grande, Bernardes optou por utilizar apenas os dois primeiros capítulos do livro, ela alega que com esses capítulos é possível “trabalhar com a questão do sujeito histórico e também com as questões da ancestralidade, da oralidade e da memória, que são alguns dos valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros” (BERNARDES, 2019, p.15).

A autora propôs três atividades para serem realizadas após a leitura do livro, são elas:

Primeiro Momento: O livro, Os Fulas e outros grupos étnicos e o desenvolvimento de pesquisas pelos alunos; Segundo Momento: As Caixas Pedagógicas: construção e possibilidades de uso; e, por fim, Terceiro Momento: construção da recontagem da história do “Menino Fula” pelos alunos e a apresentação dos resultados (BERNARDES, 2019, p.17)

Contudo, diferente de Cardozo, Bernardes não colocou em prática a proposta que fez em sua dissertação. Em sua conclusão, ela diz que pretende pôr em prática sua proposta, pois a escrita da dissertação fez com que ela tivesse uma mudança de perspectiva e olhar.

A proposta de Bernardes é muito interessante, pois mostra que é possível aprender história não apenas com livros brasileiros. A utilização de um livro africano para ensinar sobre imperialismo, permite com que o “leque” em relação ao período trabalhado, seja maior.

E a biblioteca escolar?

Levando em consideração que o ano em que ambas as dissertações foram produzidas, a Lei nº 12.244/2010 (citada no capítulo 1) já tinha sido criada e deveria estar sendo posta em vigor, por que as autoras não citaram a biblioteca de sua escola e/ou a retirada dos livros que utilizaram da mesma? Isso ocorre, pois ambas provavelmente, não tinham os livros disponibilizados na biblioteca escolar.

Cardoso, em alguns momentos, escreve que disponibilizou o livro para os/as estudantes olharem, contudo, para que fosse feita a leitura, ela escreve que lhes entregou textos. Isso significa que, foi a autora quem teve de fazer cópias dos capítulos que queria trabalhar com os/as estudantes. Contudo, ela não expõe isso diretamente. Ao falar sobre a obra, Cardoso não questiona o fato de a mesma não estar disponível para a educação básica, escreve apenas que sua preocupação era como trabalhar o livro com uma turma de 9º ano e se os alunos fariam a leitura do mesmo (CARDOSO, 2021). Tal abordagem foi um pouco diferente da de Bernardes.

Bernardes explica que o livro “Amkoullel, o Menino Fula”, é conhecido dentro da universidade (local onde a autora teve contato com a obra), contudo, ao falar sobre o livro dentro da educação básica, houve “a surpresa sobre sua existência” (BERNARDES, 2019, p.30). A autora explica que a literatura africana, nas escolas que ela conhece, trabalha normalmente, com autores mais conhecidos, como Mia Couto e Chimamanda Adichie. Ela escreve que:

A literatura afro-brasileira também sofre com o desconhecimento de suas obras pelos professores da educação básica. Há poucas traduções de livros de literatura africana para o português, pois o mercado editorial das grandes editoras, nesse tipo de obra, tem preferência por aqueles mais vendáveis ou que seus autores já têm certo renome. Editoras pequenas ou de Universidades é que geralmente publicam esses livros, muitas vezes com tiragens pequenas (BERNARDES, 2019, p.30).
O texto, como já foi dito antes, não integra as obras literárias africanas que são distribuídas pelo Ministério da Educação (MEC) (BERNARDES, 2019, p.33).

É perceptível, que se Bernardes for colocar em vigor sua proposta, ela teria que adquirir o livro e, de alguma forma, repassá-lo aos estudantes (como Cardoso fez), pois a biblioteca escolar, obviamente, não possui nem um exemplar do mesmo. A opção que se teria, seria a de pedir à escola que conseguisse o livro com o programa do Fundeb, o PNLD, a tabela apresentada no capítulo 1 explica um pouco como funcionam tais programas.

Apesar de não informarem em suas dissertações, as duas professoras poderiam conversar com a escola, para que fosse feito um pedido dos livros ao PNLD. De acordo com a lei, mesmo que o livro não faça parte da literatura distribuída pelo MEC, se a escola fizer o pedido do livro, o PNLD deve avaliar o livro pedagogicamente e se for aceito, o programa fechará contrato com a editora da obra. Deve ser levado em consideração também, o fato de que a cada ano, o PNLD contempla um ciclo de ensino diferente.

A biblioteca da escola que será analisada no próximo capítulo, certamente, não possui nem uma das obras trabalhadas por Cardoso e Bernardes. A biblioteca possui alguns poucos livros relacionados à história Afro-brasileira e estes poucos livros não possuem um histórico de retirada, ao menos não na ficha presa dentro deles, talvez, haja uma outra forma de registro dos empréstimos dos livros, contudo, não foi possível ter acesso a ela. Tal assunto será tratado de forma mais detalhada no próximo capítulo.

A ESTANTE NO FUNDO DA SALA

A Biblioteca da Escola Estadual de Ensino Fundamental Stella Maris

A escola

A escola Estadual de Ensino Fundamental Stella Maris foi fundada em 1969, neste ano de 2022 ela completará 53 anos. A escola não é muito grande, ela consiste em 3 pavilhões, duas quadras de futebol sem cobertura, uma pracinha pequena e um pátio com uma parte coberta. Toda a área administrativa do colégio se encontra no segundo andar de um dos pavilhões.

No ano de 2012 a escola ganhou *tablets* devido a uma “parceria entre as Empresas Claro, Samsung e MS Tech” (REDAÇÃO, 2014) e em 2014 receberam *netbooks* através do Programa Estadual Província de São Pedro/PSP (REDAÇÃO, 2014). Todos os/as estudantes e professores(as) receberam o *netbook*, “Após receber os equipamentos pais e alunos assinam um termo de guarda e quando mudam-se de escola devolvem à Instituição de Ensino os equipamentos para que outros possam utilizá-los” (REDAÇÃO, 2014).

A partir da observação da autora desta monografia, constatou-se que nem todos os *netbooks* foram devolvidos e os que eram, por vezes, não funcionavam

mais. Nos anos de 2014 e 2015, alguns alunos utilizavam o *netbook* para ficar jogando na rua. De tempos em tempos, era possível encontrar *netbooks* no chão enquanto as crianças brincavam, alguns eram acertados por bolas, terra, pedras e em certos casos, as crianças sentavam em cima. Ocorreu também, a venda de um desses *netbooks*.

Em janeiro de 2022, foi realizada, pela autora desta monografia, a primeira visita à escola. Nesta ocasião, em conversa com a diretora, foi informado que a escola não permite mais que os *netbooks* fiquem sob a guarda dos/das estudantes. A diretora disse que muitos aparelhos foram perdidos, dessa forma, para que os estudantes pudessem continuar utilizando o material, a escola preferiu disponibilizá-lo apenas dentro do ambiente escolar. A diretora informou que a instituição recebeu também *chromebooks* do governo e que possui rede *wi-fi* para que os estudantes possam pesquisar na internet.

Há alguns anos, a escola passou por certas dificuldades em relação a furtos. De acordo com o Jornal A semana, em 2016 a escola foi invadida duas vezes por criminosos, em 2017 foi invadida novamente, a diretora disse ao jornal Redação que: “Roubaram alguns itens da merenda escolar, jogos, livros, material escolar que os pais trouxeram materiais pedagógicos que a professora comprou com o dinheiro dela para emprestar aos alunos” (REDAÇÃO, Ladrões (...), 2017), os criminosos, ao invadirem a escola, destruíram o teto e o forro.

Contudo, mesmo após os furtos, a escola fez uma comemoração dos 48 anos que estava completando:

A escola foi homenageada através de música, dança, cartazes e pedidos de cuidado à instituição. “Houve apresentação de zumba, de dança de rua, exposição de trabalhos sobre a importância da escola em nosso bairro e o fechamento ocorreu no almoço quando servimos risoto”, explica Luciana Vitória Lettieri, diretora da instituição (REDAÇÃO, Escola (...), 2017)

Em 2019 ocorreram novos furtos, desta vez, aos cabos de energia da escola. De acordo com o jornal GZH a escola foi furtada três vezes na mesma semana, com o primeiro furto, “salas de aula e biblioteca ficaram às escuras” (MESMO, 2019), no segundo e no terceiro furto, a escola inteira ficou sem energia.

Foi organizada uma caminhada em protesto a falta de segurança da escola, “os alunos, professores e pais fizeram outra caminhada, carregando cartazes em manifestação ao ocorrido. Dezenas de pessoas participaram da ação, que foi

acompanhada pela Brigada Militar” (MESMO, 2019). Ao GZH, a diretora da escola informou que mesmo sem luz, a escola funcionaria com horário reduzido.

É perceptível que a escola já passou por diversas situações que uma instituição de ensino não deveria passar (mas que infelizmente ocorre com muita frequência nas escolas). Em alguns casos até livros foram roubados, em outros, a biblioteca da escola ficou sem luz. A preocupação da direção foi com o refeitório, pois sem energia a comida iria estragar, e de acordo com a diretora, alguns estudantes só fazem uma refeição por dia, a que a escola oferece (MESMO, 2019).

Se for posto em uma balança, o que preocupa mais, a educação ou a alimentação? Isso não é algo que deveria ser pesado, pois ambos são de extrema importância, contudo, para crianças que não tem uma boa alimentação, fica difícil estudar. Como podemos fazer essa criança se interessar pelo estudo sabendo das dificuldades que ela passa? Como ensinar história para um adolescente que se preocupa apenas com o presente?

Talvez, a utilização de um livro, de um conto, de algo que saia do livro didático, possa mostrar para aquele/a estudante que o ensino de história é mais do que escutar sobre o passado, é entender esse passado para poder entender o presente. Os livros podem ajudar os/as estudantes a se colocarem no lugar das pessoas que viveram o que eles estão lendo, a perceber o passado como algo que ocorreu, que ainda influencia o presente e não apenas uma história.

Dessa forma, a biblioteca se torna um local de extrema importância na vida desses/as estudantes, pois é nela (ou deveria ser) que o professor (neste caso, o de história) vai se apoiar para poder disponibilizar a eles os livros ou contos que podem ser utilizados.

Biblioteca Zélia Campos

Algumas informações deste subcapítulo foram adquiridas em conversa com a direção da escola Stella Maris e observação da biblioteca da escola. Infelizmente não foi possível gravar o diálogo, porém, foi tomado nota de tudo que foi dito.

A escola Stella Maris não possui uma sala específica para a biblioteca e nem uma bibliotecária. O ambiente que possui cerca de 8 estantes com livros e que a escola chama de biblioteca, divide espaço com a sala de informática e de vídeo,

além de ter uma grande mesa no centro, que seria também para a leitura dos livros (figura 1). Como não ocorreram concursos para bibliotecário escolar, o colégio não possui um profissional específico para realizar os cuidados em relação à biblioteca. Seu funcionamento é no período de aula, das 8:00h da manhã até às 16:45h da tarde. A escola informou que eles recebem livros do PNLD 4 (quatro) vezes por ano e cerca de 30 (trinta) livros iguais, um para cada aluno.



Figura 1 - Parte da Biblioteca Zélia Campos.
Fonte: Foto tirada pela autora.

De acordo com a escola, quem organiza o ambiente da biblioteca é uma professora. A biblioteca não possui um sistema regular e adequado de limpeza e os livros não são classificados de acordo com a CDD¹⁵ ou a CDU¹⁶, eles são organizados por ano de ensino. Quando um professor quer utilizar um livro ou a biblioteca, ele deve informar a direção para que possam lhe entregar a chave da sala. Pelo fato de a biblioteca ser compartilhada com a sala de informática, o acesso a ela não é livre.

Uma segunda visita à escola foi realizada em período de aula, no dia 28 de março. A biblioteca, assim como a diretora havia explicado, estava trancada. Durante a análise de alguns livros, duas estudantes entre 6 e 8 anos, entram na biblioteca e perguntaram se poderiam pegar um livro. Informei a elas que deveriam perguntar a diretora, porém elas poderiam escolher o livro e voltar para buscar

¹⁵ Classificação Decimal de Dewey

¹⁶ Classificação Decimal Universal

depois. As 2 crianças foram até a diretoria e quando voltaram disseram que receberam a permissão para a retirada do livro. O livro era pequeno e interativo, com fantoches por dentro, era sobre os carros.

Interessante notar que pelo fato de a biblioteca não possuir um bibliotecário que esteja disponível, mesmo que apenas em alguns turnos, a biblioteca deve permanecer sempre trancada. Isso pode ser um limitador para os estudantes, pois os impede de entrarem a qualquer momento e procurarem um livro que estejam interessados. O estudante que tenha interesse em ler um livro deve pedir ao professor ou a direção, para que possa ser acompanhado até a biblioteca e consiga procurar um livro e retirar. Para crianças e jovens isso pode acabar sendo um tipo de trava, algo que os impede de ir sozinhos e procurar o que querem ler com tempo.

Contudo, a escola possui uma geloteca em parceria com a biblioteca comunitária da região, “Tia Bibi”. A geloteca (Figura 2) fica no pátio da escola e todos têm acesso, inclusive os pais dos/das estudantes. Ela possui livros didáticos e literários, é sempre “reabastecida” e no período da pandemia, foi utilizada por alguns estudantes.



Figura 2 - Geloteca da escola Stella Maris.
Fonte: Foto tirada pela autora.

A diretora da escola explicou que, durante a pandemia, os/as estudantes foram informados que poderiam utilizar algumas plataformas para realizarem leituras, como o Elefante letrado¹⁷ e a Árvore dos livros¹⁸. Toda vez que um/uma estudante entrava nessas plataformas com seu e-mail, era registrado automaticamente que ele havia feito login, suas leituras também eram registradas. Porém, nem todos os/as estudantes possuem um aparelho adequado ou internet, sendo assim, se tornou ainda mais complicado trabalhar com livros de ficção. Bernardes (2019), citada no capítulo 2, é um exemplo das tribulações que os professores passaram ao tentar trabalhar com livros de ficção no ensino remoto.

De acordo com a vice-diretora da escola: “também são realizados trabalhos literários como, por exemplo: o livro da Malala, Anne Frank (em várias disciplinas) e o currículo¹⁹ usa vários livros em sala de aula para contar histórias para os alunos pequenos” (Vice diretora Marilene Neves de Oliveira). Entretanto, a vice-diretora não explicou como esses trabalhos literários são feitos, pois os livros foram recebidos em 2021, período em que as aulas presenciais ainda não haviam voltado completamente, a maior parte das escolas estava em formato híbrido. O retorno obrigatório se deu apenas em novembro de 2021 (GOVERNO, 2021).

Contudo, não é difícil imaginar atividades para serem realizadas com os livros de Malala e a história em quadrinho de Anne Frank (que foram adquiridos pela escola através do PNLD Literário de 2020), principalmente para a disciplina de história.

Ao se trabalhar com o livro de Malala, que possui 44 exemplares disponíveis na biblioteca, é possível tratar sobre: o talibã; como eles se desenvolveram; como chegaram ao poder; porque tem tantas restrições em relação a mulher; se são um grupo religioso que utiliza a religião como justificativa para tomar o poder; se outros grupos religiosos já fizeram isso; se outros países já passaram por situações parecidas; quais são os países e qual a religião desses países da Ásia Central; se o Brasil já passou por algo assim; e tratar sobre Cabul, capital do Afeganistão que foi tomada pelo talibã em 2021.

¹⁷ De acordo com o site Elefante Letrado, ele é “uma plataforma digital de leitura para crianças de 6 a 11 anos, com versões para escolas e famílias.”

¹⁸ De acordo com o site da Secretaria de Educação do RS, a Árvore de Livros é um local onde “os alunos têm acesso a um ambiente lúdico e inovador, que estimula a leitura de forma gamificada a partir das funcionalidades da plataforma”.

¹⁹ No Rio Grande do Sul, as escolas estaduais chamam de “currículo” as turmas de anos iniciais do Ensino Fundamental.

Já com a história em quadrinho de Anne Frank, que possui 74 exemplares disponíveis na biblioteca, é possível trabalhar questões sobre: a 2ª guerra mundial; o holocausto; o totalitarismo; o militarismo; o nacionalismo extremo; a adoração a um líder; expansão territorial; o que leva um grupo de pessoas a acreditar que o outro é inferior; questionar se algo parecido aconteceu em outros momentos; falar do nazismo; do neonazismo nos dias atuais; mostrar a casa da Anne Frank que está disponível em visita virtual²⁰; falar sobre os campos de concentração e mostrar o de Auschwitz que está disponível para visita virtual²¹, etc.

O acervo da biblioteca do colégio Stella Maris é bem variado. Algumas obras possuem diversos exemplares, outras tem apenas um. É possível encontrar livros de 1997 que, aparentemente, nunca foram utilizados, enquanto outras obras foram retiradas algumas vezes. A escola possui livros tanto de 1997, como de 2019, 2020 e 2021, o que significa que no período da pandemia de Covid-19, as escolas seguiam recebendo os livros distribuídos pelo PNLD.

Livros da biblioteca Zélia Campos

No capítulo 1 foi citado que não foram encontradas informações se em 2019, o MEC enviou a documentação para algumas editoras que faltavam. Contudo, mesmo que não tenha sido possível achar essa informação na internet, ao olhar os livros da escola Stella Maris, foram encontrados 4 livros com diversos exemplares que haviam sido distribuídos pelo PNLD Literário de 2018, sendo assim, o que se sabe é que, os livros das editoras que receberam os documentos, foram realmente entregues às escolas. Porém, se as editoras que faltavam receber as documentações, para entregar os livros que lhes foram pedidos, isso não se tem como informar.

Não foi possível contabilizar quantos livros a biblioteca possui, contudo, a estimativa que se tem é de aproximadamente 1.900 livros²². Dentre eles é possível

²⁰ A visita está disponível em: <https://www.annefrank.org/en/anne-frank/secret-annex/landing/>

²¹ A visita está disponível em: <https://panorama.auschwitz.org/tour1,en.html>

²² Esta estimativa foi feita com base no número de estantes e na quantidade de livros que tem nas prateleiras. São 8 estantes, 5 delas com 5 prateleiras, 1 com 6 prateleiras e 2 com 3 prateleiras. Algumas prateleiras tinham 90 livros ou mais, outras tinham apenas 20. Colocando que todas as prateleiras juntas (37) possuam 70 livros cada, se tem em torno de 2.600 livros, contudo, 11 prateleiras são de livros didáticos, sendo assim, se tem 27 prateleiras com livros literários e outros, o que fica em torno de 1.890 livros

encontrar livros didáticos de: matemática; geografia; ciências; biologia; história; etc. Eles possuem também diversos livros de ficção como: O menino que florescia; Alguém muito especial; As cocadas; A revolução dos bichos; Desejos de criança etc. Tem também alguns livros sobre história e ensino de história voltados à formação de professores de história, livros acadêmicos escritos por historiadores e livros paradidáticos.

Os livros sobre história e ensino de história voltados à formação de professores de história são: Quilombolas: resistência, história e cultura; Meu Brasil africano; O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990); Fazer e Ensinar História; Nas trilhas do ensino de história; Ensinar e Aprender história; Novos temas nas aulas de história; Ensino de história, fundamentos e métodos; Coleção explorando o ensino, História; etc.

Os livros acadêmicos, escritos por historiadores são: Diários Índios de Darcy Ribeiro; Práticas pedagógicas em história: espaço, tempo e corporeidade de Carmem Zeli de Vargas Gil e Dóris Bittencourt Almeida; Interações: raízes históricas brasileiras de Ana Maria Bergamin Neves; Experimentações em lugares de memória, ações educativas e patrimônio, organizado por diversos; Ensinar história de Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli; etc.

Os livros paradidáticos sobre história são: Coronelismo, Enxada e Voto; Astecas; Egito antigo; Brasil 500 anos, Outras crônicas pitorescas; Civilização e outros contos; Malala; Anne Frank; João e Maria e outros contos de Grimm; O Gentileza gerou gentileza; Venha ver o pôr do sol e outros contos etc.

A maior parte dos livros listados acima, sobre história e ensino de história e escritos por historiadores são da época em que o PNLD e o PNBE eram separados. Os livros datam de 2006 a 2013 e não se tem registros de quantas vezes foram utilizados. Já os livros paradidáticos e os literários variam, alguns são da época do FNDE Biblioteca da Escola, enquanto outros são da junção do PNLD e PNBE, e o PNLD Literário, novamente não se tem registro de quantas vezes foram retirados para leitura.

Com os livros paradidáticos e literários apresentados acima, é possível trabalhar de diversas formas. Obviamente alguns são mais específicos, como: A Ilíada; Egito antigo; Astecas etc. Com eles é possível se trabalhar: o período do qual tratam; quem os escreveu; o período anterior e posterior a eles etc. Por serem livros

com muitas páginas, teriam de ser divididos entre grupos da turma ou, então, serem levados para a casa com um prazo para os alunos lerem a obra toda de forma autônoma. Porém, esses livros, especificamente, possuem apenas um exemplar na biblioteca da escola, o que torna as atividades com eles, mais complicadas, pois o professor precisaria tirar cópias dos livros para disponibilizar para os grupos ou estudantes..

São livros que por tratarem de períodos específicos da história, seriam um bom auxílio ao livro didático, pois dependendo da forma que forem trabalhados, poderiam gerar um interesse maior dos/das estudantes.

Já os livros de João e Maria e outros contos de Grimm possui 63 exemplares, O Gentileza gerou gentileza possui 4 exemplares e Venha ver o pôr do sol e outros contos possui apenas 1 exemplar. Os dois primeiros livros citados são do PNLD Literário, enquanto o terceiro livro é do PNBE de 2006.

Com o livro de João e Maria e outros contos de Grimm, é interessante estudar não apenas os contos em si, mas seus autores. Os irmãos Grimm escreveram a maioria de seus contos no período da invasão francesa na Alemanha, eles tinham por objetivo fortalecer o nacionalismo alemão reescrevendo os contos utilizando “ao máximo o jeito popular de contar histórias naquela cultura” (CANTON, 2005, p.11).

Sendo assim, através do livro João e Maria e outros contos de Grimm, se pode trabalhar: Napoleão Bonaparte; a cultura alemã do período; as invasões feitas por Napoleão; como os contos podem fortalecer uma cultura; as diferentes versões dos contos escritos pelos Grimm, como o exemplo citado no capítulo 2, sobre chapeuzinho vermelho; etc.

O livro O Gentileza gerou gentileza faz com que seja possível estudar uma parte da história do Brasil. Através do livro é possível estudar: o incêndio no Gran Circus Norte-Americano, que ocorreu em Niterói na cidade do Rio de Janeiro em 1961; o profeta Gentileza; o fim do governo de Juscelino Kubitschek; o governo de Jânio Quadros e de João Goulart e o início do golpe militar; etc.

A tabela abaixo foi feita com o intuito de exemplificar melhor a forma que esses livros podem ser utilizados em uma aula de história, se encaixando no ano de ensino e na temática que deve ser trabalhada, não levando em conta o ano de ensino que a escola Stella Maris classificou cada livro. A temática trabalhada por ano

de ensino, foi retirada da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) Anos Finais do Ensino Fundamental, na parte sobre História.

A tabela será composta por contos e livros de volumes únicos, pois são mais rápidos de se trabalhar, levando em consideração que cada ano de ensino possui apenas 1 hora e 40 minutos por semana, de aula de história, se tornando de certa forma, complicada a utilização de livros como por exemplo o Tempo e o vento que possui 7 livros. Será utilizado também uma Antologia poética, pois foi o único livro entre tantos, que fala sobre a escravidão.

Serão utilizados alguns livros sobre história, pois são interessantes em suas apresentações de figuras e representação cultural, mas mantendo o objetivo de serem apenas livros de volumes únicos. Por serem muitos livros, cada temática terá uma indicação de 1 a 3 livros, entretanto, algumas temáticas não terão livros indicados, pois a escola não tem variedade de livros que tratem ou possam ser trabalhados em relação a esses assuntos. Parte dos livros não foram lidos por completo, sendo assim, informações sobre eles foram buscadas em outras fontes, para que se pudesse ter uma ideia de como utilizá-los. Todas as referências se encontram ao final deste trabalho.

História 6º ano:

Quadro 2: livros de acordo com a BNCC

Unidades temáticas	Livros que podem ser utilizados	Como trabalhar com os livros
História: tempo, espaço e formas de registros.	Todos os livros podem ser utilizados nesta temática, pois todos são formas de registro histórico e podem ser entendidos como fontes.	Analisar o período de cada livro; se foram escritos ou reescritos; qual a intenção do autor ao escrever o livro; etc.
A invenção do mundo clássico e o contraponto com outras sociedades.	A Ilíada e a Guerra da Tróia de Homero. Recontada por Silvana Salerno.	Um exemplo de fonte primária (a questão da história); tratar sobre os Gregos; cultura da época; a saga do herói; como era o império Grego; o que mudou na Grécia; como a mulher era vista etc. Por serem poucas obras disponíveis, a opção que se tem é fazer

	<p>Egípcios Antigos de Fiona MacDonald.</p>	<p>uma cópia.</p> <p>A obra faz parte de uma coletânea, ela possui um glossário, índice das palavras e quadro cronológico. Com ela é possível estudar: a cultura da época; a religião; o território; o que existe até hoje sobre esse povo; etc. Por ter apenas uma obra disponível, a opção que se tem é fazer cópias</p>
Lógicas de organização política	<p>A Ilíada e a Guerra da Tróia de Homero. Recontada por Silvana Salerno.</p> <p>A odisseia, de Homero. Recontada por Ruth Rocha.</p>	<p>O mesmo que se trabalharia acima, com um foco maior no império.</p> <p>Quem foi o autor e o adaptador; quando foi escrito; o que conta; como era a política naquele momento; como se deu a expansão territorial; papel da mulher na época; a relação dos deuses com a política; etc. Por ter apenas uma obra disponível, a opção que se tem é fazer cópias.</p>
Trabalho e formas de organização social e cultural	<p>Quilombolas: Resistência, História e Cultura, de João Bernardo da Silva Filho e Andrezza Lisboa.</p> <p>O menino que florescia de Jen Wojtowicz.</p>	<p>Se pode trabalhar com: a escravidão; a formação dos quilombos; a cultura dentro dos quilombos; a cultura quilombola herdada pelos brasileiros; os quilombos hoje; quem foram os quilombolas; etc.</p> <p>Um livro pequeno, que pode ser utilizado para: trabalhar as diferenças; as culturas; as diversas formas de expressão; a amizade etc.</p>

História 7º ano:

Unidades temáticas	Livros que podem ser utilizados	Como trabalhar com os livros
---------------------------	--	-------------------------------------

O mundo moderno e a conexão entre sociedades africanas, americanas e europeias	-----	-----
Humanismos, Renascimentos e o Novo Mundo	<p>Descobrimo um Novo Mundo, de Lillo Parra; Rogê Antônio; e Akira Sanoki.</p> <hr/> <p>O corcunda de Notre Dame de Victor Hugo. Adaptado por Michael Ford.</p>	<p>História em quadrinhos; expansão marítima; como a religião era vista; as grandes navegações; países que conquistaram terras; como se deu a partilha de terras; porque ocorreram as navegações; etc.</p> <hr/> <p>História em quadrinhos; período em que o livro foi escrito; quem é o autor; religião no século XV; Paris no século XV; estilo gótico; monumentos do período; etc.</p>
A organização do poder e as dinâmicas do mundo colonial americano	<p>Brasil 500 anos outras crônicas pitorescas de Eloy Terra.</p> <hr/> <p>Sepé Tiaraju: herói guarani, missioneiro, rio-grandense e, agora, herói brasileiro. Câmara dos Deputados.</p>	<p>O livro é composto por 500 crônicas, podendo ser utilizado para tratar sobre: a colonização do Brasil; a utilização da mão de obra indígena; a escravidão; o desenvolvimento do Brasil; a vinda da família real etc. Por serem poucas obras disponíveis, a opção que se tem é fazer cópias.</p> <hr/> <p>Quem foi Sepé Tiaraju; o que foram as missões; a invasão das terras indígenas na América; diferentes povos indígenas; organizações desses povos; cultura dos povos de antes e que permanecem nos dias atuais; etc.</p>
Lógicas comerciais e mercantis da modernidade	Costura de nuvens, antologia poética, de Adão Ventura.	Quem é o autor; quando o livro foi escrito; o que foi a escravidão; a escravidão

	<p>acabou?; por quais motivos as pessoas negras se tornaram escravas; quem escravizou as pessoas negras; como a escravidão começou etc. Por ser um livro de poemas, é possível separar a turma em grupos e fazê-los ler dois poemas e falarem o que entenderam sobre eles.</p>
	<p>As aventuras de Tibicuera, de Érico Veríssimo.</p> <p>Época que o livro foi escrito; quem é o autor; quem é Tibicuera; o que foi o quilombo dos Palmares; as mulheres em Palmares; quem fazia parte do quilombo dos Palmares; quais "aventuras" o herói do livro passou; a imortalidade do herói; como funcionava o comércio em cada época; etc.</p>

História 8º ano:

Unidades temáticas	Livros que podem ser utilizados	Como trabalhar com os livros
O mundo contemporâneo: o Antigo Regime em crise	João e Maria e outros contos de Grimm, traduzido e adaptado por Maria Clara Machado.	Os irmãos Grimm; Napoleão Bonaparte; a cultura alemã do período; as invasões feitas por Napoleão; como os contos podem fortalecer uma cultura; as diferentes versões dos contos escritos pelos Grimm etc.
Os processos de independência nas Américas	-----	-----
O Brasil no século XIX	Triste fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto.	Quem foi o autor; quando se passa o livro; primeira república; o patriotismo do

	<p>Helena, de Machado de Assis.</p>	<p>protagonista; o tupi-guarani; a política da época; os conflitos do período etc. Por ser um livro grande, pode ser dividido entre grupos de alunos, contudo sempre se deve incentivar a turma a ler a obra completa.</p> <p>Quando o livro foi escrito; quem é o autor; quando se passa o livro; segundo reinado; quem é a protagonista; como a mulher era vista e tratada naquela época; etc. O livro não é de leitura simples, devido a isso, o professor teria de mediar a leitura junto aos estudantes.</p>
<p>Configurações do mundo no século XIX</p>	<p>Mandela o africano de todas as cores, de Alain Seres</p>	<p>Quem foi Nelson Mandela; apartheid na África do Sul; luta pela igualdade; como o mundo via e reagia ao que ocorria na África do Sul; as mudanças que se deram desde o fim do apartheid na África do sul; o mito da superioridade racial; a partilha da África; o racismo etc.</p>

História 9º ano:

Unidades temáticas	Livros que podem ser utilizados	Como trabalhar com os livros
<p>O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX</p>	<p>Perto do coração Selvagem de Clarice Lispector</p>	<p>Contexto histórico de 1943 no Brasil e no mundo; presidente do Brasil Getúlio Vargas; questões sobre a mulher no Brasil etc. Por ser um livro muito grande, poderia ser dividido em capítulos. Por serem poucas obras disponíveis, a opção que se tem é fazer cópias.</p>

	<p>São Bernardo, de Graciliano Ramos.</p> <hr/> <p>Cacau, de Jorge Amado.</p>	<p>Estudar sobre o autor; sobre o período de publicação do livro (1934); sobre o coronelismo; a posição da mulher na sociedade; as obrigações impostas à mulher; casamento arranjado; segunda república; era Vargas; revolução de 1930; o Sertão do Brasil; etc. Por serem poucas obras disponíveis, a opção que se tem é fazer cópias.</p> <hr/> <p>Período que a obra foi escrita; trabalhadores da Bahia que viviam do cacau; trabalhadores sem direitos; mudanças que ocorreram com os anos; o que permanece igual com os anos; etc. Por serem poucas obras disponíveis, a opção que se tem é fazer cópias.</p>
<p>Totalitarismos e conflitos mundiais</p>	<p>A história em quadrinhos de Anne Frank. A biografia Ilustrada.</p>	<p>A 2ª guerra mundial; o holocausto; o totalitarismo; o militarismo; o nacionalismo extremo; a adoração a um líder; expansão territorial; o que leva um grupo de pessoas a acreditar que o outro é inferior; questionar se algo parecido aconteceu em outros momentos; falar do nazismo; do neonazismo nos dias atuais; mostrar a casa da Anne Frank que está disponível em visita virtual; falar sobre os campos de concentração e mostrar o de Auschwitz que está disponível para visita virtual, etc. Por serem diversos exemplares, todos os alunos têm acesso.</p>

	<p>A revolução dos bichos de George Orwell</p>	<p>Quem foi George Orwell; quando o livro foi escrito; Guerra Civil Espanhola; entender sobre o totalitarismo; socialismo soviético; igualdade e liberdade; Segunda Guerra Mundial; revolução Russa; se o livro se encaixa nos acontecimentos atuais do Brasil e do Mundo etc. Por serem poucas obras disponíveis, a opção que se tem é fazer cópias.</p>
<p>Modernização, ditadura civil-militar e redemocratização: o Brasil após 1946</p>	<p>O Gentileza gerou gentileza, poema de Santhiago Gomes de Almeida²³</p> <hr/> <p>A palavra é...mãe, de Contos selecionados por Manuel da Cunha Pereira.</p> <p>Civilização e outros contos, de Eça de Queiróz.</p> <p>Venha ver o pôr-do-sol, de Lygia Fagundes Telles.</p>	<p>O incêndio no Gran Circus Norte-Americano, que ocorreu em Niterói na cidade do Rio de Janeiro em 1961; o profeta Gentileza; o fim do governo de Juscelino Kubitschek; o governo de Jânio Quadros e de João Goulart e o início do golpe militar; etc.</p> <hr/> <p>São três livros com diversos contos que podem ajudar a contextualizar algumas histórias do Brasil; a tratar do ano de publicação que cada um foi escrito; o que acontecia no país naquele momento; quem era o presidente; se os contos são atuais; quais contos podem ser atualizados e como; etc. Por serem poucas obras disponíveis, a opção que se tem é fazer cópias.</p>
<p>A história recente</p>	<p>Malala de Adriana Carranca.</p>	<p>O talibã; como eles se desenvolveram; como chegaram ao poder; por que tem tantas restrições em relação a mulher; se são um</p>

²³ A obra ficou em 2º lugar no concurso literário “Faça parte dessa história” (ASSESSORIA, 2018)

	<p>Existe Outra Saída, Sim, de Raquel de Queiroz.</p>	<p>grupo religioso que utiliza a religião como justificativa para tomar o poder; se outros grupos religiosos já fizeram isso; se outros países já passaram por situações parecidas; quais são os países e qual a religião desses países da Ásia Central; se o Brasil já passou por algo assim; e tratar sobre Cabul, capital do Afeganistão que foi tomada pelo talibã em 2021. Por serem diversos exemplares, todos os alunos têm acesso.</p> <p>As crônicas deste livro foram, a princípio, publicadas no Jornal O Globo. Com elas, é possível trabalhar: o período em que o livro foi escrito; quem era o presidente do Brasil na época; quais críticas a autora faz em sua obra; o que mudou do ano de publicação do livro até os dias atuais; etc. Por serem poucas obras disponíveis, a opção que se tem é fazer cópias.</p>
--	---	--

Fonte: elaborada pela autora, com base nos sites oficiais da BNCC.

Ao realizar a construção da tabela, foi possível perceber que a escola não possui variedade de livros. Eles possuem muitos livros brasileiros, pouquíssimos livros estrangeiros e sobre a África e nem um livro que possa trabalhar questões sobre o período medieval. Muitos de seus livros são antigos, contudo podem trabalhar com a atualidade, o que é extremamente interessante, porém, se torna complicado ligá-los a algum momento histórico e/ou que faça parte das temáticas referentes a BNCC. Futuramente, essa tabela será apresentada ou entregue para os professores de História da escola Stella Maris, juntamente com as referências dos livros, que se encontram no final deste trabalho.

Considerações finais

Este trabalho buscou explorar o acervo de história da biblioteca da escola Stella Maris, teoricamente, é um local com fontes à disposição do professor e do aluno. Para que fosse possível chegar a um entendimento sobre o assunto, foi necessário compreender um pouco sobre: as leis que regem uma biblioteca escolar; a apresentação de professoras que aplicaram esse método de ensino em sala de aula; e analisar uma escola pública, na tentativa de apresentar os livros de ficção que podem ser utilizados no ensino de história.

Ao iniciar esta pesquisa, as expectativas que se tinham em relação à biblioteca de uma escola pública eram bem baixas. Contudo, a ideia de que os professores de história, teriam “facilidade” na hora de utilizar um livro literário, era bem grande.

Tais concepções foram mudando durante a escrita e a pesquisa, pois com a análise da biblioteca, da escola Stella Maris, foi possível perceber a quantidade de livros que o colégio possui, nem todos pertencentes a algum programa do governo. Enquanto que, a compreensão da realidade escolar, fez com que se percebesse que para um professor, seja ele de qualquer matéria, não é tão simples introduzir um livro na vida de crianças e pré-adolescentes.

A maioria das referências utilizadas e que apresentam a questão da literatura no ensino de história, fazem isso de forma teórica. Os dois trabalhos acadêmicos apresentados no capítulo 2, de Anelise Bernardes e de Mariana Jucá de Mello Cardozo, são uns dos poucos exemplos práticos desse tipo de ensino.

Chartier e Pesavento apresentam de forma linda a junção dessas duas classes de ensino (história e literatura), todavia, colocar em prática o que ambos explicam, não é tarefa fácil, principalmente para um professor de história que tem pouco mais de uma hora de aula. Talvez, se todas as escolas possuíssem uma melhor forma de organização em suas bibliotecas, os professores teriam uma ajuda a mais quando precisassem utilizar um livro em aula, ajudando assim no aprendizado de história.

Ao estudar as leis referentes à biblioteca escolar, foi possível compreender por que muitas escolas ainda permanecem sem uma biblioteca propriamente dita. Enquanto que os trabalhos acadêmicos apresentados no capítulo 2, demonstram que a falta dessa lei, faz com que professores tenham de adquirir o livro que gostariam de utilizar em sala de aula. Já a análise da biblioteca da escola Stella Maris, deixa visível a falta que a lei faz.

No capítulo 1 foi possível adentrar as questões políticas que regem uma biblioteca escolar, entender que uma lei leva a outra e que no fim, a maioria é deixada de lado, por não ser interessante a alguns olhos. No capítulo 2, a compreensão referente a utilização de livros no ensino de história, se tornou mais clara, pois foi possível perceber o quão complexo é ensinar usando um livro literário. Enquanto que no capítulo 3 a análise e observação da biblioteca da escola Stella Maris e da BNCC, fez com que fosse possível a criação da segunda tabela apresentada e das referências dos livros utilizados nela, o entendimento de que as dificuldades que a escola passa, são diárias e que se a BNCC for seguida, é possível achar um ou outro livro que tratem de algum assunto dentro da mesma, não tendo talvez muitas opções.

Contudo, não foi possível explorar muito a biblioteca como espaço de lazer e de aprendizagem na escola, devido às restrições causadas pela pandemia de Covid-19 e pela ausência de bibliotecária. Entretanto, a biblioteca não se restringe aos livros que a compõe, mas aos espaços para trabalhos e às oportunidades de vivência ali propostas.

Esta pesquisa não se encerra neste trabalho. Cada biblioteca escolar que for analisada, irá gerar uma nova perspectiva, uma nova tabela, um novo olhar sobre o ensinar história com livros de ficção. Talvez, até o fim do ano de 2022 a lei que torna obrigatória a biblioteca escolar e o bibliotecário seja aceita. Isso fará com que as pesquisas seguintes possam se basear na aplicação da lei, o que é extremamente importante, pois é uma lei que precisa de visibilidade para que seja posta em vigor. Seria interessante também, que os professores de história, sabendo do potencial das bibliotecas escolares, possam pressionar para que as escolas sejam atendidas e eles possam usar a biblioteca.

Referências

Assessoria de Comunicação Social do FNDE. FNDE divulga vencedores do Concurso Literário “Faça parte dessa história”, 2018. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/index.php/aceso-a-informacao/institucional/area-de-imprensa/noticias/item/11961-fnde-divulga-vencedores-do-concurso-liter%C3%A1rio-%E2%80%9Cfa%C3%A7a-parte-dessa-hist%C3%B3ria%E2%80%9D> Acesso em: 20 mar. 2022

BAÇÃ, Dandara. Ações estratégicas para a universalização das bibliotecas escolares no Brasil. [S. l.], 10 jun. 2020. Disponível em: <https://biblioo.info/acoes-estrategicas-para-a-universalizacao-das-bibliotecas-escolares-no-brasil/>. Acesso em: 9 jan. 2022.

BERNARDES, ANELICE. EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA E LITERATURA AFRICANA:: O AMKOULLEL, O MENINO FULA, DE AMADOU HAMPÂTÉ BÂ, NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. 2019. Dissertação (Mestrado profissional em Ensino de História) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS, [S. l.], 2019.

BRANDÃO, Claudia Leite; RODRIGUES, Sílvia de Fátima Pilegi. LEITURA E FORMAÇÃO DOCENTE: A IMPLANTAÇÃO DO PNBE DO PROFESSOR (2010 E 2013). Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 28, n. 2, p. 115 - 134. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BUNN, Daniela. DA HISTÓRIA ORAL AO LIVRO INFANTIL. Estação Literária, UFSC. 2008

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Projeto de Lei nº PL 6959, de 13 de dezembro de 2013. Altera a Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003, para dispor sobre o conceito de biblioteca pública e o acesso a seu acervo e a seus equipamentos. [S. l.], 13 dez. 2013. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=604440>. Acesso em: 10 jan. 2022.

CANTON, Katia. Era uma Vez... Perrault. [S. l.: s. n.], 2005. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=N_bdTcveei8C&oi=fnd&pg=PT7&dq=quem+foi+Charles+Perrault&ots=Rp0PgEkKaD&sig=3jm9b4AWwPGatSzIE9-wpZWq2M8#v=onepage&q=quem%20foi%20Charles%20Perrault&f=false. Acesso em: 31 jan. 2022.

CANTON, Katia. Era uma Vez Irmãos Grimm recontado por Katia Canton. [S. l.: s. n.], 2006. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=w1jcVBZy43wC&oi=fnd&pg=PA7&dq=irm%C3%A3os+grimm&ots=PLhMtVVTd8&sig=mc--ROGSBWKezXGjaNI_DhNAFfU#v=onepage&q=irm%C3%A3os%20grimm&f=false Acesso em: 20 mar. 2022.

CARDOZO, MARIANA JUCÁ DE MELLO. O CAMINHO DE CASA: ENSINAR HISTÓRIA COM A LITERATURA E EDUCAR-SE NAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS. 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, [S. l.], 2021.

CHARTIER, Roger. A HISTÓRIA CULTURAL ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES. 2 edição. Memória e Sociedade. DIFEL 2002.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Lei nº N° 14.113, de 25 de dezembro de 2020. Regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), de que trata o art. 212-A da Constituição Federal; revoga dispositivos da Lei nº 11.494, de 20 de junho de 2007; e dá outras providências. [S. l.], 25 dez. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.113-de-25-de-dezembro-de-2020-296390151>. Acesso em: 15 jan. 2022.

ELEFANTE Letrado. Disponível em: <https://www.elefanteletrado.com.br/> Acesso em: 12 abr. 2022.

ESCOLAS de condado nos EUA proíbem 'Maus', história em quadrinhos sobre o Holocausto. BBC News Brasil. 28 jan. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60163128> Acesso em: 21 fev. 2022.

EVARISTO, Conceição Olhos d'água. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FNDE Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. [S. l.]: HISTÓRIA. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2017. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/aceso-a-informacao/institucional>. Acesso em: 15 jan. 2022.

FUNDEB. [S. l.]: Ministério da educação, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/fundeb-sp-1090794249#:~:text=Com%20vig%C3%Aancia%20estabelecida%20para%20o,Federal%20e%20munic%C3%ADpios%20para%20a>. Acesso em: 15 jan. 2022.

FUNDEB: Sobre o Fundeb. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/financiamento/fundeb/sobre-o-plano-ou-programa/sobre-o-fundeb#:~:text=A%20contribui%C3%A7%C3%A3o%20da%20Uni%C3%A3o%20neste,formar%C3%A3o%20o%20Fundo%20em%202026>. Acesso em: 15 jan. 2022.

GOVERNO, do RS confirma retorno obrigatório às aulas presenciais a partir de 8 de novembro. G1, Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2021/10/30/governo-do-rs-confirma-retorno-obrigatorio-as-aulas-presenciais-a-partir-de-8-de-novembro.ghtml> Acesso em: 07 mar. 2022.

Grecco, Gabriela de Lima. História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais Vol. 6 Nº 11, Julho de 2014.

HAJE, Lara. Dados do Inep mostram que 55% das escolas brasileiras não têm biblioteca ou sala de leitura Fonte: Agência Câmara de Notícias. [S. l.]: Câmara dos Deputados, 6 dez. 2018. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/549315-dados-do-inep-mostram-que-55-das-escolas-brasileiras-nao-tem-biblioteca-ou-sala-de-leitura/#:~:text=C%C3%A2mara%20dos%20Deputados-,Dados%20do%20Inep%20mostram%20que%2055%25%20das%20escolas%20brasileiras%20n%C3%A3o,biblioteca%20ou%20sala%20de%20leitura&text=Das%20180%20mil%20escolas%20brasileiras,escolar%20ou%20sala%20de%20leitura>. Acesso em: 10 jan. 2022.

INFRAESTRUTURA: PAR - Plano de Ações Articuladas. [S. l.]: Ministério da educação, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/18842-infraestrutura#:~:text=O%20Fundo%20Nacional%20de%20Desenvolvimento%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20%2D%20FNDE%20%C3%A9%20respons%C3%A1vel,educacionais%20do%20Minist%C3%A9rio%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 15 jan. 2022.

JACOBSON, Sid Anne Frank : a biografia ilustrada em colaboração com a Casa de Anne Frank / Sid Jacobson e Ernie Colón; [ilustrações] Ernie Colón; tradução Augusto Pacheco Calil. 1a ed. São Paulo: Quadrinhos na Cia. 2017.

LEITE, Ana Cláudia; DALMAGRO, Stéfane; FINGER, Yasmin Wink. CENSURA EM BIBLIOTECAS ESCOLARES: QUAL O PAPEL DA BIBLIOTECA NA FORMAÇÃO DO LEITOR?. Anais, IV Encontro Regional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação e Gestão da Informação – Regiões Sudeste, Centro-Oeste e Sul. A identidade do profissional da informação em um mundo em constante transformação: diversidade na formação, na atuação e no contexto social. 2017.

LITERAFRO. A escrava. Escrito por Maria Firmina dos Reis. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/24-textos-das-autoras/977-maria-firmina-do-s-reis-a-escrava> Acesso em: 7 mar. 2022.

MANIFESTO IFLA/UNESCO PARA BIBLIOTECA ESCOLAR. Edição em língua portuguesa – Brasil, São Paulo 2000. Disponível em: <https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2022.

MEC ainda não comprou 10,6 milhões de livros previstos para escolas públicas em 2019. GZH EDUCAÇÃO E TRABALHO, [S. l.], 5 fev. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2019/02/mec-ainda-nao-comprou-106-milhoes-de-livros-previstos-para-escolas-publicas-em-2019-cjrrqfbne00su01tdglrnauqc.html>. Acesso em: 16 jan. 2022.

MESMO após furto de fios de energia, escola de Alvorada vai retomar aulas nesta terça-feira. GZH. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2019/09/mesmo-apos-furto-de-fios-de-energia-escola-de-alvorada-vai-retomar-aulas-nesta-terca-feira-ck0wx6du80fw401tgk5h5tmqp.html> Acesso em: 07 mar. 2022.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Escritoras brasileiras do século XIX. Antologia. Florianópolis. Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Escritoras brasileiras do século XIX. Antologia vol.II. Ilha de Santa Catarina. Editora Mulheres, 2004.

NASCIMENTO, Mariane de Jesus. O USO DA LINGUAGEM LITERÁRIA NO ENSINO DO HISTÓRIA: CORDEL. XXVII Simpósio Nacional de História. conhecimento histórico e diálogo social. Natal - RN, julho de 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e literatura:: uma velha nova história. Open Edition: Journals, 2006.

PNLD. [S. l.]: Ministério da educação, 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/318-programas-e-aco-es-1921564125/pnld-439702797/12391-pnld>. Acesso em: 15 jan. 2022

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Lei nº LEI Nº 12.244 DE 24 DE MAIO DE 2010., de 24 de maio de 2010. Universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. [S. l.], 24 maio 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm. Acesso em: 9 jan. 2022.

PROGRAMAS do Livro. [S. l.]: FNDE Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, [entre 2017 e 2020]. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/biblioteca-na-escola/perguntas-frequentes>. Acesso em: 15 jan. 2022.

PROGRAMA Nacional Biblioteca da Escola. [S. l.]: Ministério da educação, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola#:~:text=O%20Programa%20Nacional%20Biblioteca%20da,de%20pesquisa%20e%20de%20refer%C3%Aancia>. Acesso em: 15 jan. 2022.

PROGRAMA Nacional Biblioteca da Escola – PNBE Temático. [S. l.]: Ministério da educação, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32686-diversidade?start=20>. Acesso em: 16 jan. 2022.

REDAÇÃO. Escola Stella Maris completa 48 anos com festa para comunidade. Jornal A Semana, compromisso com a verdade. 2017. Disponível em:

https://www.jornalasemana.net/noticias/educacao/escola_stella_maris_completa_48_anos_com_festa_para_comunidade/4485 Acesso em: 07 mar. 2022.

REDAÇÃO. Ladrões arrombam escolas da rede estadual e municipal durante o final de semana. Jornal A Semana, compromisso com a verdade. 2017. Disponível em: https://www.jornalasemana.net/noticias/educacao/ladros_arrombam_escolas_da_rede_estadual_e_municipal_durante_o_final_de_semana/4475 Acesso em: 07 mar. 2022

REDAÇÃO. Um aprendizado com maior agilidade e alegria. Jornal A Semana, compromisso com a verdade. 2014. Disponível em: https://www.jornalasemana.net/noticias/educacao/um_aprendizado_com_maior_agilidade_e_alegria/1396 Acesso em: 07 mar. 2022.

SANDER, Isabella. Biblioteca escolar, morada de professores afastados. Jornal do Comércio, [S. l.], 30 jan. 2018. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/conteudo/2018/01/geral/608657-biblioteca-escolar-morada-de-professores-afastados.html> Acesso em: 16 jan. 2018.

SANT'ANA Jr, Régis . A Biblioteca Escolar no Ensino e Aprendizagem para todos. [S. l.], 12 mar. 2019. Tradução para o português revista em 12/03/2019. Disponível em: <https://crianca.mppr.mp.br/pagina-2192.html#>. Acesso em: 15 jan. 2022.

SEDUC lança Ciclo de Formação Pedagógica da plataforma de leitura Árvore Livros. Disponível em: <https://educacao.rs.gov.br/seduc-lanca-ciclo-de-formacao-pedagogica-da-plataforma-de-leitura-arvore-livros#:~:text=%C3%81rvore%20Livros,-Para%20os%20Anos&text=Os%20alunos%20t%C3%AAm%20acesso%20a,indicados%20para%20sua%20faixa%20et%C3%A1ria>. Acesso em: 15 jan. 2022.

SIQUEIRA, Carol. Projeto adia para 2022 prazo para toda escola ter uma biblioteca. Brasil: Câmara dos Deputados, 14 set. 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/692429-projeto-adia-para-2022-prazo-para-toda-escola-ter-uma-biblioteca/#:~:text=%E2%80%9CO%20prazo%20de%20cumprimento%20da,idealizado%E2%80%9D%2C%20justificou%20a%20deputada>. Acesso em: 9 jan. 2022.

SUTIL, Nair. A LITERATURA COMO FONTE E COMO LINGUAGEM NO ENSINO DE HISTÓRIA: DIÁLOGO COM OS CONTOS DE CHIMAMANDA ADICHIE. EDUCERE XII Congresso Nacional de Educação. PUCPR. 2015.

THADEU, Victor. LIVRO DIDÁTICO E LIVRO PARADIDÁTICO: QUAL A DIFERENÇA? 2019. Disponível em: <https://www.edocente.com.br/blog/educacao/livro-didatico-livro-paradidatico-qual-a-diferenca/> Acesso em: 26 fev. 2022.

YONG, Jo. Em busca da feição real: um conto de fadas de Ko Moon-young/Jo Yong; Ilustração de Jam San; Tradução de Jae hyung Woo. 1.ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

ZAMBONI, Ernesta e FONSECA, Selva Guimarães. CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL PARA A APRENDIZAGEM DE NOÇÕES DO TEMPO HISTÓRICO: LEITURAS E INDAGAÇÕES. Campinas, vol. 30, n. 82. 2010.

Referência dos livros da tabela 2

ALMEIDA, Santiago Gomes. O Gentileza gerou gentileza. Poema. Ilustrações: Camila Fillinger. Minas Gerais. Concurso literário faça parte dessa história. 2018.

AMADO, Jorge. Cacau. São Paulo. Companhia das Letras. 2010.

ASSIS, Machado de. Helena. São Paulo. São Paulo. Ática. 2003.

BARRETO, Lima. Triste fim de Policarpo Quaresma. 17ª ed. São Paulo. Ática. 2013.

CÂMARA dos Deputados. Sepé Tiaraju : herói guarani, missioneiro, rio-grandense e, agora, herói brasileiro. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.

CARRANCA, Adriana. Malala a menina que queria ir para a escola. Ilustração Bruna Assis Brasil. 1ª ed. São Paulo. Companhia das Letrinhas. 2015.

HUGO, Victor. O corcunda de Notre Dame. Adaptado por Michael Ford. São Paulo. Ibep Nacional. 2013.

JACOBSON, Sid Anne Frank : a biografia ilustrada em colaboração com a Casa de Anne Frank / Sid Jacobson e Ernie Colón; [ilustrações] Ernie Colón; tradução Augusto Pacheco Calil. 1ª ed. São Paulo: Quadrinhos na Cia. 2017.

LISPECTOR, Clarice. Perto do coração Selvagem. Rio de Janeiro. Rocco. 1997.

MACDONALD, Fiona. Egípcios Antigos. Porto Alegre. Moderna. 1996.

MACHADO, Maria Clara. João e Maria e outros contos de Grimm, traduzido e adaptado por Maria Clara Machado. 1ª ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 2017.

ORWELL, George. A revolução dos bichos. Tradução Heitor Aquino Ferreira. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo. 2003.

PARRA, Lillo. Descobrimo um novo mundo/ roteirista Lillo Parra, desenhista Rogê Antônio, colorista Akira Sanoki. 1ª ed. São Paulo. Nerno. 2015.

PEREIRA, Manuel da Cunha. A palavra é...mãe. Contos selecionados. São Paulo. Scipione. 1993.

QUEIROZ, Eça. Civilização e outros contos. Porto Alegre. Moderna. 2009.

QUEIROZ, Raquel de. Existe Outra Saída, Sim. Fundação Demócrito Rocha. 2007.

RAMOS, Graciliano. São Bernardo. 94ª edição. Rio de Janeiro. Record; 2003

SERES, Alain. Mandela o africano de todas as cores. Desenhos Zau; tradução André Telles. 2ª ed. Rio de Janeiro. Zahar. 2014

SILVA FILHO, João Bernardo da; e LISBOA, Andrezza. Quilombolas: Resistência, História e Cultura. 1ª ed. Mato Grosso do Sul. IBEP. 2013

TELLES, Lygia Fagundes. Venha ver o pôr-do-sol. São Paulo. Ática. 2006.

TERRA, Eloy. Brasil 500 anos outras crônicas pitorescas. Renovar. 2000.

WOJOWICZ, Jen. O menino que florescia. Ilustração de Steve Adams; Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. 1ª ed. SM. 2006.

VENTURA, Adão. Costura de nuvens, antologia poética. Ilustração Jean-Baptiste Debret, Johann Moritz Rugendas. 1ª ed. 2ª reimpressão. Mato Grosso. Sabará: Dubolsinho. 2010.

VERÍSSIMO, Érico. As aventuras de Tibicuera. 1ª ed. Seguinte. 2005.